



UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE

CENTRO DE HUMANIDADES

UNIDADE ACADÊMICA DE LETRAS

**Dayane Monteiro Barbosa**

**O DIÁLOGO ENTRE O FANTÁSTICO E O REAL EM  
*O MEU PÉ DE LARANJA LIMA***

CAMPINA GRANDE

2017

**DAYANE MONTEIRO BARBOSA**

**O DIÁLOGO ENTRE O FANTÁSTICO E O REAL EM  
*O MEU PÉ DE LARANJA LIMA***

Monografia de conclusão de curso apresentada ao Curso de Letras – Língua Portuguesa da Universidade Federal de Campina Grande, como requisito parcial à conclusão do curso.

Orientador: Prof. Dr. José Hélder Pinheiro Alves

CAMPINA GRANDE

2017

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA CENTRAL DA UFCG

- B238d      Barbosa, Dayane Monteiro.  
              O diálogo entre o fantástico e o real em *O meu pé de laranja lima* /  
              Dayane Monteiro Barbosa. – Campina Grande, 2017.  
              48 f.
- Monografia (Licenciatura em Letras – Língua Portuguesa) –  
              Universidade Federal de Campina Grande, Centro de Humanidades, 2017.  
              "Orientação: Prof. Dr. José Hélder Pinheiro Alves".  
              Referências.
1. Fantástico. 2. Infância. 3. Realidade - Imaginário. 4. Violência –  
              Criança. I. Alves, José Hélder Pinheiro. II. Título.

CDU 82-3(043)

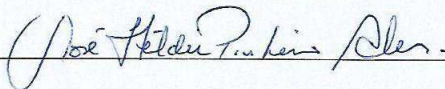
Dayane Monteiro Barbosa

O DIÁLOGO ENTRE O FANTÁSTICO E O REAL EM  
*O MEU PÉ DE LARANJA LIMA*

Monografia de conclusão de curso apresentada ao curso de Letras – Língua Portuguesa da Universidade Federal de Campina Grande, como requisito parcial à conclusão do Curso.

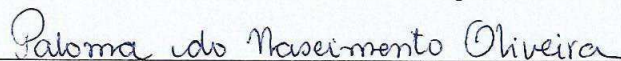
Aprovada em 05 de abril de 2017

Banca Examinadora:



Prof. Dr. José Hélder Pinheiro Alves (Orientador)

Universidade Federal de Campina Grande



Prof. Me. Paloma do Nascimento Oliveira (Examinadora)

CAMPINA GRANDE - PB

2017

Dedico este trabalho à minha filha, Ana Letícia,  
e aos meus familiares e amigos, que sempre  
estiveram ao meu lado, me apoiando e  
incentivando.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, a Deus, por nunca ter me desamparado nessa jornada e por não ter me deixado cair.

À minha mãe, que sempre acreditou em minha capacidade e sempre esteve ao meu lado ao longo da graduação, e agora sorri por mais essa conquista.

À minha filha Ana, que, durante a escrita deste trabalho, esteve no meu colo, segurando minha mão e me ajudando a digitar.

Ao meu grande e eterno amor, Flaviano, que foi meu porto seguro durante a produção deste trabalho.

Aos meus irmãos, que, mesmo distantes, me incentivaram.

Aos meus amigos de turma, que sempre me ampararam e dividiram comigo as aflições, angústias, e agora, a conquista de ver este trabalho concluído.

Especialmente, ao Professor Hélder, meu orientador, por sua paciência, disponibilidade e pelas valiosas orientações prestadas durante a produção deste trabalho.

A todos os professores que me acompanharam durante a graduação, compartilhando seus conhecimentos de maneira atenciosa.

A todos que, de alguma forma, me ajudaram a realizar este trabalho.

Obrigada!

“Então eu pegava pedaços de cordão, sobras de linha, furava um mundão de tampinhas de garrafa e ia ajaezar Minguinho. Era de se ver que lindo que ele ficava. O vento dando, chocava uma tampinha contra a outra e parecia que ele estava usando as esporas de prata de Fred Thompson quando montava o seu cavalo Raio de Luar...”

(José Mauro de Vasconcelos, 1989)

## RESUMO

O interesse em demonstrar como a realidade e o imaginário da criança estão diretamente relacionados foi o que suscitou a pesquisa apresentada neste trabalho. Como objeto de estudo, analisamos o romance infanto juvenil *O Meu Pé de Laranja Lima*, de José Mauro de Vasconcelos, que apresenta a infância de Zezé, marcada por dores e perdas, mas também pelo fantástico criado por sua imaginação. Nessa perspectiva, o estudo se fundamentou nas contribuições de Held (1980) a respeito do fantástico infantil, nas concepções de Damazio (1994) sobre o significado de criança, nas considerações de Brait (1985), em seu estudo sobre a personagem. Nesse contexto, o objetivo desse trabalho, foi analisar e demonstrar como a realidade de Zezé influencia na criação de um mundo fantástico, demonstrando as funções que essa fantasia assume na vida do menino. O contexto social afetava a família de Zezé, mais especificamente, os adultos, que descarregavam suas frustrações e estresses no menino, através de surras e palavras pesadas, que o deixavam amargurado e o faziam amadurecer precocemente, tornando-se uma criança que entendia e sentia as dores dos adultos. Além disso, constatamos que os adultos não compreendiam que a infância é a fase das descobertas e, por isso, consideravam que boa parte do que Zezé fazia era travessuras, coisas de menino ruim e que deveriam ser corrigidas com a violência física.

**Palavras-chave:** Fantástico. Infância. Realidade. Imaginário. Violência. Criança.



## ABSTRACT

The present study has an interest in revealing how the imaginary of a child and reality can be closely related. The object of the study is *My sweet orange tree*, by José Mauro de Vasconcelos. Specifically concerned with Zeze's childhood, the study investigates the period marked by significant pain and loss, but also by a fantastic world created by Zeze's own imagination, and from this viewpoint, it was based on the contributions of Held (1980) regarding the fantastic in childhood, the conceptions of Damazio (1994), which enabled this work to make considerations about childhood, as well as Brait's (1985) studies, which contributed to a reflection on the character. In this context, the aim of this study is to analyse and demonstrate how Zeze's reality affects the creation of a fantastic world, in order to understand the purpose of fantasy in the life of the boy. The social context affected Zeze's family, more specifically the adults, who discharged their frustrations and anxieties in the boy through beatings and heavy words, which made him bitter and mature early. Zeze has consequently become a child able to understand and feel the pain of adults. In addition, the study found that the adults were not able to understand childhood as the stage of discoveries, for that reason they considered Zeze's attitudes and action as disruption or mischievousness, and that such behaviour must be corrected by means of physical violence.

**Keywords:** Fantastic. Childhood. Reality. Imaginary. Violence. Child.

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO</b>	<b>10</b>
<b>2</b>	<b>VISÃO DA OBRA E ESTUDO DE O MEU PÉ DE LARANJA LIMA</b>	<b>12</b>
<b>2.1</b>	<b>O AUTOR E SUAS OBRAS</b>	<b>12</b>
<b>2.2</b>	<b>APRESENTAÇÃO DO ENREDO</b>	<b>14</b>
<b>2.3</b>	<b>PERSONAGENS</b>	<b>16</b>
<b>2.3.1</b>	<b>ZEZÉ</b>	<b>17</b>
<b>2.3.2</b>	<b>ESTEFÂNIA PINAGÉ DE VASCONCELOS</b>	<b>20</b>
<b>2.3.3</b>	<b>EDMUNDO</b>	<b>21</b>
<b>2.3.4</b>	<b>LUÍS</b>	<b>22</b>
<b>2.3.5</b>	<b>GLÓRIA</b>	<b>23</b>
<b>2.3.6</b>	<b>O PORTUGA</b>	<b>24</b>
<b>2.3.7</b>	<b>O PAI DE ZEZÉ</b>	<b>26</b>
<b>3</b>	<b>O FANTÁSTICO EM O MEU PÉ DE LARANJA LIMA</b>	<b>27</b>
<b>3.1</b>	<b>ZEZÉ E MINGUINHO: UM MUNDO DE FANTASIAS</b>	<b>28</b>
<b>3.2</b>	<b>O DIÁLOGO ENTRE O FANTÁSTICO E O REAL</b>	<b>35</b>
<b>4</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	<b>46</b>
<b>5</b>	<b>REFERÊNCIAS</b>	<b>48</b>

## 1. INTRODUÇÃO

José Mauro de Vasconcelos (1920-1968) foi autor de largas tiragens com sucessivas reedições. Dentre suas obras, destacamos: *Banana brava*, *Barro blanco*, *Coração de vidro*, *Rosinha - minha canoa*, *Rua descalça*, *Palácio japonês*, *Vamos aquecer o sol* e *O meu pé de Laranja Lima*.

Publicada pela primeira vez em 1968, a obra infanto juvenil *O Meu Pé de Laranja Lima*, destaque nacional e internacional da carreira do referido autor, aborda temáticas bastante atuais. Aspectos sociais e psicológicos são postos ao leitor através do menino *Zezé*, suposto apelido do autor enquanto criança, já que a obra é baseada na infância vivida pelo mesmo.

O enredo da obra remete à vida de *Zezé*, uma criança sensível, precoce e curiosa, de apenas cinco anos de idade, que vive em um contexto social marcado pela pobreza, amargura e violência física e psicológica que sofre. No entanto, apesar de sua amargura, o garoto encontra a felicidade nas pequenas coisas que o faziam sentir-se criança, embora, muitas vezes, ele acreditasse não o ser mais. O menino reúne todas as pessoas amadas e suas personagens de cinema favoritas em um mundo imaginário que criou, onde a fantasia não tem limite e a felicidade também não. Esse enredo emociona e cativa o leitor, ao descrever detalhadamente a realidade, as perdas e as dores de *Zezé*.

A partir da leitura da obra, levantamos as seguintes questões de pesquisa: 1. De que modo o mundo imaginário interfere nas vivências da personagem *Zezé*? 2. Que função o universo fantástico assume diante da realidade vivida por essa personagem? 3. Em qual ponto o mundo imaginário da personagem deixa de ser uma brincadeira e torna-se refúgio dos males vivenciados na vida real? Supondo que a realidade vivenciada por *Zezé* influencia diretamente o mundo fantástico que ele cria, tentaremos, através de uma metodologia baseada em pesquisa bibliográfica e na análise da obra, responder a esses questionamentos.

Nosso objetivo principal é estudar as funções que a fantasia assume na vida da personagem *Zezé*, da obra *O Meu Pé de Laranja Lima*, analisando como a realidade em que essa personagem está inserida e a afetividade vivenciada (ou não) no mundo real influenciam na criação e nos aspectos de um mundo fantástico. Esse será nosso ponto de partida.

Analisada a obra, verificaremos e apresentaremos em qual ponto o mundo imaginário que *Zezé* cria deixa de ser uma brincadeira e torna-se um refúgio da realidade, demonstraremos que as travessuras praticadas pelo garoto, muitas vezes, buscam chamar a atenção da família

para si, já que é uma criança deixada de lado. Além disso, estabeleceremos a relação entre o contexto social em que Zezé e sua família estavam inseridos e a relação desse contexto com a violência sofrida pelo menino.

*O Meu Pé de Laranja Lima* é uma obra que possui vasta carga humanizadora, o que nos motiva a fazer um estudo aprofundado da infância, em sua forma mais íntima, voltando nossos olhos, especificamente, para a personagem Zezé, a fim de compreender como a criação de um mundo fantástico por essa criança está diretamente ligado ao mundo real em que ela vive.

Embora esteja entre os livros preferidos dos alunos do ensino público, segundo levantamento realizado pela Secretaria de Educação do Estado de São Paulo, em 2015<sup>1</sup>, não encontramos estudos sobre essa importante obra na carreira do escritor José Mauro de Vasconcelos. Essa ausência de estudos se configura, neste trabalho, como o fator de maior peso para a realização da nossa pesquisa. Vale ainda considerar que, sendo um romance enriquecedor da literatura infanto juvenil, estudá-lo no tocante ao imaginário infantil, relacionando este ao contexto social em que a criança está inserida é interessante, visto que a obra aborda temáticas atuais, tais como: violência infantil, trabalho infantil, pobreza, desigualdades sociais, negligência familiar, entre outras.

Com o intuito de alcançarmos os objetivos aqui traçados, optamos pelo seguinte percurso metodológico: primeiro, a análise das personagens, observando suas construções, ações, atitudes, sentimentos, etc., com o auxílio das concepções de Brait (1985); segundo, a análise das cenas que se configuram como violência, juntamente com a análise do fantástico e do real, utilizando as contribuições de Held (1980).

---

<sup>1</sup> Informação disponível em <http://noticias.bol.uol.com.br/ultimas-noticias/educacao/2015/09/09/sp-o-diario-de-anne-frank-e-o-livro-preferido-dos-alunos-da-rede-publica.htm>.

## 2. Visão da obra e estudo de *O Meu Pé de Laranja Lima*

No capítulo inicial de nosso trabalho, apresentaremos um pouco a vida do escritor José Mauro de Vasconcelos, bem como a opinião da crítica literária a respeito de suas obras. Em seguida, partiremos para o estudo do romance *O Meu Pé de Laranja Lima*, expondo o enredo e a análise das personagens principais, a partir dos olhos do pequeno Zezé, o menino que tentaremos compreender nesse estudo.

### 2.1. O autor e suas obras

José Mauro de Vasconcelos (1920-1984), autor do romance *O Meu Pé de Laranja Lima*, embora não tenha sido muito estudado pela crítica da época, não deixou de ser aclamado por suas obras. Ele escreveu *Banana brava* (1942), *Barro blanco* (1945), *Coração de vidro* (1964), *Rosinha - minha canoa* (1962), *Rua descalça* (1969), *Palácio japonês* (1969), *Vamos aquecer o sol* (1974), dentre outros.

Esse escritor nasceu em Bangu, no Rio de Janeiro, mas foi criado pelos tios em Natal, no Rio Grande do Norte. Sua infância foi marcada por dificuldades decorrentes da pobreza de sua família. Tinha a personalidade muito inconstante e percorreu o Brasil de Norte a Sul, trabalhando como treinador de boxe, agricultor, carregador de bananas, operário, garimpeiro, roteirista, ator, dentre outras atividades. Iniciou o curso superior de Medicina, mas não concluiu. Faleceu em julho de 1984<sup>2</sup>.

Como podemos perceber, a vida de Vasconcelos foi marcada por diversas experiências, tanto pessoais quanto profissionais, o que, provavelmente, inspirou muitas de suas obras, que são entrelaçadas por enredos realistas nos mínimos detalhes dos acontecimentos. Nesse sentido, temos, por exemplo, os romances *O Meu Pé de Laranja Lima* e *Banana Brava*. O primeiro, baseado na infância do autor, nos mostra as dores da infância, enquanto o segundo, relata a vida de garimpeiros, homens que eram vítimas de exploração de mão de obra, que entravam em um garimpo e, muitas das vezes, lá morriam, em consequência do esforço exacerbado, mas que também não tinham coragem de deixar o lugar por acreditarem que podiam melhorar de vida.

Embora não seja um autor tão conhecido, José Mauro de Vasconcelos recebeu muitas críticas positivas a respeito de seus escritos. Sobre as obras desse autor, o escritor Henrique L.

---

<sup>2</sup> Biografia disponível em [http://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/cultura/bibliotecas/bibliotecas\\_bairro/bibliotecas\\_a\\_l/josemaurodevasconcelos/index.php?p=5427](http://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/cultura/bibliotecas/bibliotecas_bairro/bibliotecas_a_l/josemaurodevasconcelos/index.php?p=5427).

Alves disse que “Seus livros: Livros que são joias, livros que são ternuras, livros que dignificam uma literatura e emocionam com suas constantes reedições os corações de um povo.”<sup>3</sup>. Também em admiração, A Gazeta SP, publicou em 09 de maio de 1969, a seguinte consideração sobre Vasconcelos: “José Mauro de Vasconcelos vale o seu peso em ouro. Para o público, é o primeiro romancista que vale tanto quanto um artista de novela. Para os críticos, é um companheiro de Graciliano Ramos, José Lins do Rêgo e Paulo Setúbal.”<sup>4</sup>.

Como todas as obras de José Mauro de Vasconcelos, *O Meu Pé de Laranja Lima* foi uma obra aplaudida entre os críticos. Em 14 de junho de 1969, o jornal O Globo publicou as impressões do escritor e crítico literário Antonio Olinto a respeito desse romance de Vasconcelos:

‘Raras vezes vi, na literatura brasileira, um tempo de infância tão bem descrito e caracterizado como neste *O Meu Pé de Laranja Lima...*’ ‘O mais recente romance de José Mauro de Vasconcelos tem um ritmo seguro. Seu escoamento se faz com tranquilidade e segurança. O menino, que conduz a narrativa, atravessa acontecimentos, gentes e coisas, fazendo-o sob a égide da descoberta e dando, a esse livro, um *tonus* que o inclui na boa tradição romanesca do Ocidente. Recomendo a todos a leitura de *O Meu Pé de Laranja Lima* e dos outros romances de José Mauro de Vasconcelos, cuja obra está exigindo estudos mais longos, pois é um dos bons narradores que o Brasil já teve em qualquer tempo.’ (ANTONIO OLINTO, *O Globo*, 14 de junho de 1969).<sup>5</sup>

Críticas como essa foram constantes sobre *O Meu Pé de Laranja Lima*. A professora e crítica literária Rejane Machado de Freitas Castro apontou “*O Meu Pé de Laranja Lima*: Natural e espontâneo como as crianças. E duvido que alguém resista, impávido, olhos enxutos até o fim.”<sup>6</sup>. Nessa perspectiva, José Barreto Filho também contribuiu, reconhecendo que “José Mauro de Vasconcelos tem a virtude de restabelecer na literatura todos os sentimentos que o homem normal tem e que haviam sido banidos.”<sup>7</sup>.

---

<sup>3</sup> Comentário retirado do seguinte livro: VASCONCELOS, José Mauro de. *Banana Brava*. São Paulo: Melhoramentos, 1969.

<sup>4</sup> Id.

<sup>5</sup> Comentário retirado do seguinte livro: VASCONCELOS, José Mauro de. *Rua Descalça*. São Paulo: Melhoramentos, 1969.

<sup>6</sup> Comentário retirado do seguinte livro: VASCONCELOS, José Mauro de. *Banana Brava*. São Paulo: Melhoramentos, 1969.

<sup>7</sup> Comentário retirado do seguinte livro: VASCONCELOS, José Mauro de. *Banana Brava*. São Paulo: Melhoramentos, 1969.

Essas críticas, bem como tantas outras que não apontaremos aqui, reconhecem o valor do escritor José Mauro de Vasconcelos e, principalmente, de suas obras, que emocionam, cativam e levam o leitor à reflexão sobre a natureza, sobre a humanidade, sobre sentimentos que estão esquecidos em um mundo frio e egoísta. Trata-se de um admirável escritor de esplêndidas obras.

## 2.2. Apresentação do enredo

*O Meu Pé de Laranja Lima* é um romance infanto juvenil comovente e cativante pela simplicidade de sua linguagem e pela descrição realista e detalhista dos fatos narrados por Zezé. O livro foi lançado em 1968 e, desde então, traduzido para mais de 50 idiomas. No Brasil, a obra foi editada diversas vezes, inclusive, após a Reforma Ortográfica, e adaptada para a televisão e para o cinema. O enredo é baseado na própria infância de José Mauro de Vasconcelos.

O enredo de *O Meu Pé de Laranja Lima* gira em torno da vida de Zezé, um menino de cinco anos de idade, muito sensível a dores que somente os adultos deveriam sentir, traquino e muito precoce. Ele vive com seus pais e seus irmãos em um contexto social marcado pela pobreza, amargura, desigualdades sociais e violência física e psicológica que sofre. No entanto, apesar de todo o sofrimento, Zezé é um menino contente e que se sente feliz com pequenas coisas naturais da infância. De seus familiares, sente maior afeto por Glória, sua defensora e intocável, uma mocinha de 15 anos de idade, e por Luís, seu irmãozinho caçula, a quem trata carinhosamente de “Reizinho”. Além desses dois irmãos especiais, Zezé faz outros amigos importantes em sua vida: *Minguinho*, o pé de Laranja Lima, *Seu Ariovaldo*, e também o *Portuga*, que o ensinou o significado da ternura e por quem ele sente amor paternal. Ele reúne todos os seus amigos em um mundo que criou, onde a fantasia não tem limite e a felicidade também não. É um enredo que causa impacto ao leitor por descrever uma realidade cruel e dolorida, repleta de dores e perdas vivenciadas por uma criança de cinco anos de idade, mas que também emociona e cativa pela inocência de Zezé e seu mundo fantástico.

O romance é dividido em duas partes, sendo a primeira composta por cinco capítulos, e a segunda, por nove capítulos. Nos chama atenção que cada capítulo apresenta seus próprios conflitos e clímax, isto é, são histórias independentes, que poderiam ser lidas separadas da obra, sem nenhum problema.

A obra apresenta um narrador protagonista, isto é, aquele que além de narrar os fatos, é também a personagem central deles. Destacamos que, embora estejamos estudando um

romance memorialista, a personagem Zezé não é o autor José Mauro de Vasconcelos, pois, ainda que queiramos acreditar que o narrador é o autor, devemos levar em conta que a personagem é uma criação linguística do autor (GANCHO, 2002).

Segundo Gancho (2002), é necessário que haja um conflito, que é o elemento estruturador da narrativa, para que possamos entender a organização dos fatos que compõem seu enredo. Ainda segundo essa autora, “Conflito é qualquer componente da história (personagens, fatos, ambientes, ideias, emoções) que se opõe a outro, criando uma tensão que organiza os fatos da história e prende a atenção do leitor” (GANCHO, 2002, p. 11). No tocante à estrutura, o conflito determina as seguintes partes do enredo: exposição, complicação, clímax e desfecho (GANCHO, 2002).

Todos esses elementos que Gancho (2002) nos apresenta podem ser considerados tanto para o romance completo quanto para os seus capítulos apenas. Em *O Meu Pé de Laranja Lima*, temos vários conflitos, mas tomaremos como exemplo o episódio em que Zezé vai roubar goiaba na goiabeira da Nega Eugênia:

— Você viu, Minguinho, as goiabeiras da casa da Nega Eugênia começam a amarelecer. As goiabas no mínimo já estão de vez. O diabo é que se ela me pega, Minguinho. Hoje já levei três coças. (VASCONCELOS, 1989, p. 111)

Nesta passagem, temos a exposição, que “é a parte na qual se situa o leitor diante da história que irá ler.” (GANCHO, 2002, p. 11). Neste momento, o leitor pode começar a imaginar se Zezé vai ou não roubar as goiabas e se deveria ir, visto que já levava três surras naquele dia. Mas ele vai. Quando inicia a sua travessura, a tensão causada por este conflito aumenta para o leitor, que não sabe se a Nega Eugênia o pega ou não. A seguir, veremos o momento da complicação, que “é a parte do enredo na qual se desenvolve o conflito” (GANCHO, 2002, p. 11).

Segui a cerca até o valão e me decidi. Antes, fiz sinal a Minguinho para não fazer barulho. Já nessa hora meu coração acelerara. A Nega Eugênia não era de brincado, não. Tinha uma língua que só Deus sabia. Vinha pé ante pé, sem respirar, quando o seu vozeirão partiu da janela da cozinha.  
— Que é isso, menino? (VASCONCELOS, 1989, p. 111-112)

Após a complicação, ocorre o clímax, que, segundo Gancho (2002), é o ponto alto, de maior tensão do conflito. Vejamos:

Nem tive a ideia de mentir dizendo que viera apanhar uma bola. Meti o carreirão e tchibum pulei dentro do valão. Mas lá dentro me esperava outra



coisa. Uma dor tão grande que quase me fez gritar, mas se gritasse apanharia duas vezes: primeiro, porque fugira do castigo; segundo, porque estava roubando goiaba no vizinho e acabara de enfiar um caco de vidro no pé esquerdo. (VASCONCELOS, 1989, p. 112)

No trecho acima, caracterizado como o clímax do conflito, é possível que o leitor fique tenso ao imaginar o que acontecerá com Zezé a seguir, visto que ele ainda pode apanhar, além do machucado que tem no pé. A seguir, veremos o desfecho do conflito, que é a solução do mesmo, seja boa ou má (GANCHO, 2002).

Arrastei-me até a porta da cozinha, estudando um meio de desarmar Glória. Ela estava bordando uns panos. Sentei meio sem jeito e dessa vez Deus me ajudou. (...)  
 (...) —Você precisa ir se deitar e ficar com o pé bem esticado, senão isso não dá para você andar amanhã.  
 Ajudou-me a ir capengando para a cama.  
 — Vou trazer qualquer coisa para que você coma antes que os outros cheguem.  
 Quando voltou com a comida, eu não aguentei e dei um beijo nela. Aquilo era muito raro em mim. (VASCONCELOS, 1989, p. 112-114)

### 2.3. Personagens

Com o intuito de realizarmos a análise das personagens, tomaremos como base as concepções de Brait (1985), que, em seu estudo, reflete sobre as personagens criadas pelos autores, bem como os procedimentos de sua caracterização, apontando as diferenças entre “pessoa” e “personagem”. Para essa autora, “a personagem é um habitante da realidade ficcional, de que a matéria de que é feita e o espaço que habita são diferentes da matéria e do espaço dos seres humanos, mas reconhecendo também que essas duas realidades mantêm um íntimo relacionamento (...)” (BRAIT, 1985, p. 11-12).

Considerando que nosso objeto de estudo é um romance memorialista, é possível nos defrontarmos com a seguinte dúvida: As caracterizações e descrições que o narrador atribui às personagens são realmente fictícias ou são fiéis às do autor e das demais pessoas que foram elencadas na obra? No caso de *O Meu Pé de Laranja Lima*, que é um romance baseado na infância do próprio autor, é possível que o leitor confunda personagens com pessoas em decorrência da possível autenticidade dos fatos narrados. Nessa perspectiva, Brait destaca que:

Se quisermos saber alguma coisa a respeito de personagens, teremos de encarar de frente a construção do texto, a maneira que o autor encontrou para dar forma às suas criaturas, e aí pinçar a independência, a autonomia e a “vida” desses seres de ficção. (BRAIT, 1985, p. 11)

Tomando como ponto de partida as considerações acima, realizaremos agora a análise das personagens, descrevendo-as e caracterizando-as a partir do ponto de vista de Zezé, a personagem principal do romance.

### 2.3.1. Zezé

Zezé é o narrador personagem de *O Meu Pé de Laranja Lima*. É um menino de cinco anos de idade que narra fatos incríveis e dolorosos de sua infância, marcada pela pobreza e desigualdades sociais. Todos os fatos giram em torno dessa personagem sensível e precoce. Todas as suas ações geram conflitos na narrativa e o leitor pode se encantar e comover com todos os sentimentos dessa personagem.

Para exemplificar o protagonismo dessa personagem, faremos um breve resumo do quarto capítulo da 1ª parte da obra, denominado *O passarinho, a escola e a flor*. Nesse capítulo, Zezé solta o passarinho que cantava dentro dele e deixa que parta para outra criança tão inteligente quanto ele. Pela leitura do romance, toda criança tem esse passarinho até saber o que é o pensamento e passar a ver as coisas de maneira racional. Como Zezé era precoce, já com cinco anos de idade entendia tudo o que se passava em torno de si e logo soltou o passarinho das crianças. Ele vai para perto de Minguinho e, com o apoio do amigo, abre o coração e deixa seu passarinho partir. Esse é um dos momentos emocionantes da obra.

Também neste quarto capítulo, Zezé inicia os estudos e vai para a escola. Sua professora, D. Cecília Paim, era a única professora que não recebia flores dos alunos e, com isso, Zezé ficava triste. Ele pensava que “devia ser porque ela era feia. Se ela não tivesse uma pintinha no olho, não era tão feia.” (VASCONCELOS, 1989, p. 72), e por isso resolveu trazer-lhe uma flor todos os dias. No entanto, as flores que ele levava para agradá-la eram roubadas de um jardim e esse ato fora descoberto, resultando no seguinte pedido da professora: “De agora em diante não quero que você me traga mais flores. Só se você ganhar alguma. Promete?” (VASCONCELOS, 1989, p.78).

Zezé era um menino que estava descobrindo as coisas, desvendando o mundo, e essas descobertas, que os adultos denominavam de “traquinagens”, eram sempre mal interpretadas por eles. Nesse sentido, outra dimensão importante que queremos destacar, é a abordagem de Menino Diabo e Menino Deus, insinuando que a criança traquina é má, enquanto a criança que não é traquina, é boa.

A primeira parte da obra, chamada *No Natal, às vezes nasce o Menino Diabo*, descreve muitas ações de traquinagem de Zezé, e também o triste Natal que não ganhara presente e magoara seu pai com palavras. Essa perspectiva de Menino Diabo nos lembra um discurso que até hoje muitos adultos utilizam para assustar ou tolher a criança, quando dizem que ela não deve fazer coisas erradas, senão Papai do Céu, que é bondoso, fica triste, enquanto o Diabo, o malvado, fica feliz com a atitude. Dessa forma, a criança vai internalizando o conceito do que é bom e do que é ruim de acordo com o absolutismo dos adultos.

No tocante a essa internalização de conceitos, percebemos claramente a concepção que Zezé tem de si, quando vai à casa do Portuga pela primeira vez e se descreve da seguinte maneira:

Eu não presto para nada. Sou muito ruim. Por isso é o Diabo que nasce pra mim no dia do Natal e eu não ganho nada. Sou uma peste. Uma pestinha. Um cachorro. Um traste ordinário. Uma das minhas irmãs me disse que coisa ruim como eu não devia ter nascido... (VASCONCELOS, 1989, p. 122).

Esse trecho, bem como tantos outros, causa impacto pela precocidade de Zezé, que acredita que nem deveria ter direito à vida, justamente porque o fizeram acreditar que era um menino muito ruim. A maioria dos adultos que o cercavam acreditavam e o fizeram acreditar que fazer descobertas e querer entender o mundo em que vivia, como uma criança normal, não eram coisas que crianças boas faziam.

A segunda parte da obra, denominada *Foi quando apareceu o Menino Deus em toda a sua tristeza*, traz o início, meio e fim da amizade de Zezé com o Portuga, que torna-se uma referência paterna para o menino, descreve as duas grandes surras que o menino sofrera inocentemente, traz ainda as mortes de Minguinho e do Portuga e a morte do sentimento do garoto pelo seu pai biológico. Evidentemente, a maioria dos capítulos dessa segunda parte são marcados por acontecimentos que entristeceram Zezé. Em todo o seu desgosto, o menino não sentia mais vontade de brincar ou de descobrir as coisas, pois sabia que, descobrindo e errando, sempre seria judiado, já que praticamente ninguém o compreendia. Além disso, estava vivendo o luto de ter perdido dois grandes amigos.

Em toda a narrativa, Zezé vai se comparando ao Menino Diabo, conceituando a si mesmo, como se fosse uma criança ruim. Além de não ser conveniente a uma criança essa concepção, é preocupante quando ele passa a acreditar que a violência que sofre é porque ele é muito ruim, é um Menino Diabo, e merece apanhar. Vejamos, por exemplo, quando, após duas grandes surras, ele encontra o Portuga:

Fui contando, contando tudo, sem exagerar uma palavra. Quando acabei seus olhos estavam úmidos e não sabia o que fazer.

— Mas não podem bater tanto numa criancinha como tu. Ainda nem fizeste seis anos. Minha Nossa Senhora de Fátima!

— Eu sei por quê. Eu não presto mesmo. Sou tão ruim que quando chega o Natal acontece aquilo: Nasce o Menino Diabo em vez do Menino Deus!... (VASCONCELOS, 1989, p. 147).

Por achar que é uma coisa ruim e que não deveria ter nascido, acredita ser por isso que batem tanto nele, que, se não viera ao mundo para ser bom, viera para servir de saco de pancada. Infelizmente, essa criança sentia-se assim quando fazia alguma descoberta e logo diziam que era traquinagem e coisa errada, o que resultava em violência e em palavras duras, que jamais deveriam ser ditas a uma criança. Assim, quando a segunda parte do romance infere ao nascimento do Menino Deus, refere-se ao Zezé que não mais fazia traquinagens, que estava tão perdido em sua tristeza, que não mais sentia vontade de ser criança. Mesmo triste, ele era como um Menino Deus, já que estava bonzinho na concepção dos adultos.

A partir dos acontecimentos narrados até o momento, já percebemos que a vida de Zezé não é fácil. Era um menino carente, incompreendido e que sofria maus tratos dentro da própria casa, ambiente que deveria lhe acolher e proteger. Note-se que ele passa por muitas experiências adultas, que o fazem amadurecer precocemente, embora a pouca idade, e esse amadurecimento lhe dá a sensação de infância perdida, de não mais ser criança. E sempre que se sentia assim, comparava-se a Luís, seu irmãozinho lindo e inocente, como ele um dia fora.

Como já apontamos, a relação de Zezé com Luís era muito forte, de puro amor. Zezé, por mais que estivesse sofrendo, não queria que seu irmãozinho percebesse sua dor e sempre procurava amenizar a situação, pois queria manter intacta a inocência de seu Reizinho. Quando, por exemplo, sofrera as duas grandes surras e estava desiludido da vida, Zezé ficara quieto, sem querer brincar, com a imaginação bloqueada, sem conseguir partir para seu mundo de fantasia, mas não queria que Luís percebesse seu desânimo:

(...) Eu ficava tão quietinho, sem vontade de nada, sentado quase sempre perto de Minguinho, olhando a vida, perdido no desinteresse. Nada de conversar com ele nem de ouvir as suas histórias. O mais que acontecia era deixar meu irmãozinho ficar perto de mim. Fazer bondinho de Pão de Açúcar que ele adorava com os botões, e deixá-lo subir e descer os cem bondinhos, o dia inteiro. Eu o olhava com uma ternura imensa, porque quando eu era criança, como ele, também gostava daquilo... (VASCONCELOS, 1989, p. 143-144).

É difícil imaginar o que está descrito nesse trecho: uma criança de cinco anos de idade, tão precoce, ao ponto de não se considerar mais criança, e ainda ter a maturidade de não querer destruir a infância de seu irmão mais novo. Na verdade, aquele menino estava tão envolto de

experiências do mundo adulto, que já se considerava um. Mentalmente, ele já tinha sofrido muitas dores e passado por experiências das quais uma criança nunca deveria enfrentar.

Em outro momento, após a morte do Portuga, e, mais uma vez, desiludido com a vida, Luís quer brincar com Zezé no quintal e, embora esteja muito abatido e profundamente arrasado com a morte de seu pai de coração, Zezé vai brincar com o irmão, para que a sua infância seja mantida e ele não perceba o que realmente está acontecendo:

— Zezé...

— Hum.

— Cadê a pantera negra?

Era difícil recomeçar tudo sem acreditar nas coisas. A vontade era contar o que de fato existia. ‘Bobinho, nunca existiu pantera negra. Era apenas uma galinha preta e velha, que eu comi numa canja’.

— Só ficaram as duas leoas, Luís. A pantera negra foi passar as férias na selva do Amazonas. (VASCONCELOS, 1989, p. 184).

Portanto, constatamos a luta de Zezé para manter a inocência da infância de seu irmão. Ele não queria desiludi-lo dizendo que não existia nada daquela fantasia que antes acreditavam juntos. Ao invés disso, tentou sobrepor a vontade de proteger a fantasia de seu irmão à sua dor, e, forçadamente, entrou no mundo de fantasias com o Reizinho. Ali tinha uma criança e uma criança com mentalidade adulta.

### **2.3.2. Estefânia Pinagé de Vasconcelos**

Essa personagem é a mãe de Zezé. Filha de índios, é uma mulher forte e batalhadora, que trabalha para ajudar nas despesas de casa, desde lavar as roupas das famílias influentes que aparecem na obra até trabalhar como operária no Moinho Inglês. Zezé a descreve da seguinte maneira:

Mamãe era alta, magra, mas muito bonita. Tinha uma cor bem queimada e os cabelos pretos e lisos. Quando ela deixava os cabelos sem prender, dava até na cintura. Mas bonito era quando ela cantava e eu ficava junto aprendendo. (VASCONCELOS, 1989, p. 12)

A descrição que Zezé faz de sua mãe é, claramente, a de uma índia, pois ela era filha de índios. Ele ainda descreve um pouco da infância dela, que também fora difícil, assim como a dele e de seus irmãos:

(...) Mamãe nasceu trabalhando. Desde os seis anos de idade quando fizeram a Fábrica que puseram ela trabalhando. Sentaram Mamãe bem em cima de uma mesa e ela tinha que ficar limpando e enxugando ferros. Era tão

pequeninha que fazia molhado em cima da mesa porque não podia descer sozinha... Por isso ela nunca foi à Escola e nem aprendeu a ler (...). (VASCONCELOS, 1989, p. 31)

O recorte acima retrata uma das principais temáticas da obra: o trabalho infantil. A mãe de Zezé, aos 6 anos, fora obrigada a trabalhar pesado na Fábrica. Os motivos que a levaram a trabalhar desde criança não são revelados, mas esse acontecimento influenciou toda a vida de Estefânia, que não teve a oportunidade de estudar e de, posteriormente, dar uma vida melhor à sua família. Além dela, Zezé e Totoca também trabalham engraxando sapatos. Eles não eram obrigados a trabalhar, mas o faziam para conseguir algum dinheiro para comprar alguma coisa ou para ajudar nas despesas de casa. Embora a família não concorde que saiam pelas ruas engraxando, não os proíbe.

### **2.3.3. Edmundo**

Essa personagem é o tio de Zezé. Em toda a narrativa, é uma das que mais compreendem o garoto e sempre se dispõe a ensiná-lo coisas novas. É também um dos poucos familiares que não o maltratam fisicamente. Sobre ele, Zezé considera o seguinte:

(...) Tio Edmundo era separado da mulher e tinha cinco filhos... Vivia tão sozinho e caminhava devagar, devagar... Quem sabe se ele não andava devagar era porque tinha saudade dos filhos? E os filhos nunca vinham fazer uma visita para ele. (VASCONCELOS, 1989, p. 19)

A partir do trecho acima, podemos perceber que Edmundo era um homem solitário, embora tivesse vários filhos. Era aposentado e morava com Dindinha, sua mãe. Na obra, não fica claro se ele é irmão da mãe ou do pai de Zezé. Embora não morasse sozinho, podemos considerar o abandono do idoso, posto que ele tinha cinco filhos e nenhum fazia-lhe alguma visita. Inclusive, seria uma situação de risco para ele e Dindinha, visto que se ele já era um senhor aposentado e de cabelos brancos, Dindinha, sua mãe, era ainda mais idosa e ambos necessitavam de cuidados e atenção.

Como Tio Edmundo era sempre bom com Zezé e realmente gostava muito do menino, este fazia coisas para lhe agradar, em retribuição ao carinho que recebia. Inclusive, é uma das poucas pessoas a quem o garoto demonstra algum gesto físico de carinho. Podemos constatar isso quando, em um certo dia, Zezé chega para o tio e pede um cavalinho de pau, prometendo que, se ganhar, vai mostrar que aprendera a ler sozinho. O homem fica pasmado ao ouvir isso do menino, e promete que dá o cavalinho. Zezé, explodindo de alegria e lembrando-se da solidão daquele velho querido, demonstra o seu afeto por ele: “Dei a volta na mesa e apertei

com força o seu pescoço. Senti o seu cabelo branco roçar na minha testa, bem macio. — Isso não é pelo cavalinho (...).” (VASCONCELOS, 1989, p. 19).

A relação que Zezé mantinha com seu tio era de pura afeição, algo que os dois careciam, e muito, e também através dela, percebemos que Zezé não era “endiabrado”, como diziam, mas carente de cuidado e atenção. Esse fato se evidencia ainda mais se levarmos em consideração que Zezé só aprontara traquinagem com o tio uma única vez, nos permitindo inferir que ele não precisava chamar sua atenção fazendo coisas que os adultos consideravam erradas, já que tinha carinho e atenção daquele homem sem fazê-las.

#### **2.3.4. Luís**

Luís é o irmão caçula de Zezé e também uma das personagens mais amadas pelo menino. Zezé queria manter os sonhos e a infância do seu irmãozinho vivos, já que os dele vão sendo destruídos a cada dia. Como na família deles, o irmão mais velho cuidava do mais novo, quem cuidava de Luís era Zezé, embora ele dissesse que: “Ninguém precisava tomar conta dele, porque menininho mais lindo, bonzinho e quietinho não existia.” (VASCONCELOS, 1989, p. 24).

Zezé carregava tamanha ternura pelo irmãozinho e queria que ele tivesse uma infância melhor do que a sua. No Natal, soube que um caminhão viria carregado de presentes para dar às crianças, e logo falou com Glória para que ela levasse a ele e Luís ao local da distribuição. No dia seguinte, Zezé acordou bem cedo e arrumou seu irmão:

Enquanto enfiava as calças e a camisinha branca, olhava meu irmão.  
— Como ele era lindo! Não havia ninguém mais bonito em Bangu.  
(..) Lindo como estava e arrumadinho, dava até para confundir com o Menino Jesus mais crescidinho. Aposto como ele vai ganhar presente pra burro.  
Quando olharem ele... (VASCONCELOS, 1989, p. 41-42)

Como Glória não poderia levá-los, porque tinha que fazer as atividades domésticas, ela mandou-os com o carteiro, que era alguém de sua confiança. No entanto, como os irmãos andavam a curtos passos, estavam atrasando o serviço do homem, que os deixou sozinhos na metade do caminho. No final das contas, eles não conseguiram ganhar os brinquedos, pois quando chegaram ao local indicado, já havia acabado toda a algazarra. Zezé ficou triste, mas não queria que Luís passasse o Natal sem ganhar presente e, por isso, resolveu dar-lhe o seu cavalinho de pau (aquele que ganhara de Tio Edmundo): “Feliz era o Reizinho que dormia com o dedo na boca. Botei o cavalinho em pé, bem perto dele. Não pude evitar de passar as mãos de

leve em seus cabelos. Minha voz era um rio imenso de ternura. — Meu pequerrucho.” (VASCONCELOS, 1989, p. 50).

O amor de Zezé por Luís era imenso. De tudo ele fazia para que o seu Rezinho não percebesse a realidade ao seu redor, para que a infância e inocência daquele pequenino não lhe fossem arrancadas. Essa relação afetiva entre os dois irmãos permeia em todo o enredo. Mesmo quando o Portuga morre, Zezé, desiludido de tudo na vida, faz o possível para que Luís não perceba a sua dor, e vai brincar com ele.

A atitude de Zezé deixa explícito o quanto ele queria privar Luís de todo e qualquer sofrimento. Ele sabia o valor de uma infância bem vivida, e, acima de tudo, do afeto. O mundo de fantasias que os dois vivem encanta e sensibiliza o leitor. Como é possível uma criança de cinco anos, que não mais acredita ser criança, conseguir equilibrar sua dor de tal maneira, com a consciência de não desconstruir a infância de uma criança menor ainda? É realmente comovente a relação de carinho entre essas duas personagens.

### 2.3.5. Glória

Essa mocinha de 15 anos de idade é irmã de Zezé. Entre os irmãos, é a que, juntamente com Luís, demonstra amor pelo garoto, e ele por ela. De todos os familiares, era a única que o defendia e a que não gostava que batessem nele, embora concordasse que ele era um menino arteiro. Sonhava em casar com um cadete, mas tinha os pés no chão e sabia a realidade que sua família estava vivendo. Como Estefânia, a mãe deles, passava o dia trabalhando, Glória havia assumido, de certa forma, o papel de mãe dos pequeninos, já que era a mais bondosa entre as filhas. Na narrativa, por várias vezes, defende Zezé. Quando o menino corta o pé roubando manga no muro da Nega Eugênia, por exemplo, ela o ajuda para que não descubram o seu corte, senão ainda levaria uma surra:

— Meu Deus! Gum, o que foi isso?  
 (...) Me pegou no colo e me sentou na cadeira. Ligeiramente apanhou uma bacia de água com sal e se ajoelhou aos meus pés.  
 (...) — Você não conta pra ninguém. Por favor, Godóia, eu prometo que fico bonzinho. Não deixe ninguém me bater tanto...  
 (...) — Você precisa ir se deitar e ficar com o pé bem esticado, senão isso não dá para você andar amanhã.  
 Ajudou-me a ir capengando para a cama.  
 — Vou trazer qualquer coisa para que você coma antes que os outros cheguem.  
 Quando voltou com a comida, eu não aguentei e dei um beijo nela. Aquilo era muito raro em mim. (VASCONCELOS, 1989, p. 113-114)



Neste trecho, temos retratado mais um dos poucos carinhos físicos demonstrados por Zezé. Como ele mesmo confirma, “Aquilo era muito raro em mim.” (VASCONCELOS, 1989, p. 114). Em um ambiente familiar cercado de amor e carinho, demonstrações físicas de afeto são comuns, mas esse não era o caso de Zezé e sua família. E, em todo o romance, Glória protege o garoto e reclama com quem bate nele, pois ela reconhecia o que ele realmente era: um menino de cinco anos de idade.

É interessante considerarmos que, por Glória demonstrar afeto, cuidar e protegê-lo, Zezé procurava fazer o possível para não desapontá-la, como pudemos constatar na passagem citada. Inclusive, um dos motivos pelos quais ele tornou-se ajudante de Seu Ariovaldo foi para poder levar folhetos com as novas canções para ela, e, assim, passarem um tempo juntos, só os dois. Embora relutante, ela aceitou que ele faltasse um dia de aula por semana para acompanhar o amigo. Assim, Zezé diz: “Ela acabou concordando porque sabia que era um jeito de eu não inventar traquinagem e, portanto, não apanhar muito. Depois era gostoso na quarta-feira ficar debaixo das laranjeiras ensinando ela a cantar.” (VASCONCELOS, 1989, p. 87).

A relação entre esses dois irmãos era de cumplicidade e, assim como Zezé procurava não desapontar o Portuga, Tio Edmundo e Luís, também o fazia com Glória, sua fiel e protetora amiga.

### 2.3.6. O Portuga

Manuel Valadares, o Portuga, é uma personagem que entra na narrativa para demonstrar o quão Zezé é carente. O menino sente por ele um amor paterno, tal qual não sente por seu verdadeiro pai. A relação entre os dois começa com o morcego que Zezé pega no carro do português, um atrevimento que lhe rendeu uma boa palmada.

De um salto estava grudado no pneu com todas as forças que o medo me dera.  
 (...) Já começava a antegozar minha vitória diante dos olhos dos meus colegas...  
 — Ai!  
 (...) — Então, moleque atrevido. Eras tu? Um pirralho desses com tal atrevimento!...  
 (...) A humilhação doía mais que a própria dor. Só tinha vontade de sapear uma saraivada de palavrões no bruto.  
 (...) — Não falo agora, mas estou pensando. E quando eu crescer vou matar o senhor.  
 (...) — Pois cresce, molecote. Eu cá te espero. Mas antes disso vou dar-te uma lição.  
 (...) Aplicou-me uma, só uma palmada, mas com tamanha força que eu pensei que o meu traseiro tinha grudado no estômago. Só então ele me soltou.  
 (VASCONCELOS, 1989, p. 100-101)

Depois do acontecimento narrado no fragmento acima, Zezé ficou com vergonha, durante vários dias, de passar perto do Miséria e Fome, um pequeno estabelecimento local onde ele amorceou-se no belo carro do português e ganhou uma palmada, mas, logo aquele episódio vergonhoso foi esquecido e ele até pensava se valia mesmo a pena matar o Portuga quando crescesse. A amizade deles começa quando Zezé corta o pé no valão do quintal de sua casa e vai para a escola capengando pelos cantos da parede, porque ninguém em casa poderia saber que ele estava com o pé cortado. Neste dia, o português encontra Zezé andando muito devagar e o leva ao médico.

— Pelo visto tu te machucaste muito, não? O que foi?

(...) — Caco de vidro.

(...) — Vem que eu te levo.

(...) — Assim está melhor, vê-se.

A sensação gostosa do carro macio andando, dando leves solavancos me fez fechar os olhos e começar a sonhar. Aquilo era mais macio e gostoso do que o cavalo Raio de Luar de Fred Thompson.

(...) Parou defronte à farmácia e em seguida me carregou no colo.

(...) — Não vai doer muito. Quando acabar eu te levo para tomar um refresco e comer doces. Se tu não chorares eu te compro balas de figurinha de artista.

(...) as lágrimas desciam e eu deixei fazer tudo. (...) O português me agarrava com força como se quisesse que a dor passasse um pouco para ele.

(...) És um homenzinho corajoso, Pirralho.

Eu sorri cheio de dor, mas dentro daquela dor tinha acabado de descobrir uma coisa importante. O Português tinha se tornado agora a pessoa que eu queria mais bem no mundo. (VASCONCELOS, 1989, p. 116-118).

A partir do cuidado que o português demonstrou por Zezé, laços de carinho e amizade foram se firmando entre essas duas personagens, que, logo, não aguentaram ficar longe uma da outra. No entanto, a relação foi mantida em segredo para a família de Zezé, e sempre que saíam juntos, o Portuga deixava o menino bem perto de casa, mas onde ninguém os visse. O menino estava fazendo muito bem ao português: “— És um menininho muito complicado, mas confesso que estás enchendo de alegria o velho coração de um português. Lá isso estás. (...)” (VASCONCELOS, 1989, p. 127). De maneira igual, o afeto estava mudando Zezé também:

E os dias andaram sem pressa e sobretudo muito felizes. Até que lá em casa começaram a notar a minha transformação. Eu já não fazia tantas travessuras e vivia no meu mundinho de fundo de quintal. Verdade que algumas vezes o diabo vencia os meus propósitos. Mas já não dizia tantos palavrões como antigamente e deixava em paz a vizinhança. (VASCONCELOS, 1989, p. 125).

Certo dia, após levar duas surras em casa e passar vários dias sem ver o Portuga, para que ele não visse as marcas da violência, Zezé vai passear com o amigo e lhe pede que o compre da família dele, para que o português possa tornar-se seu pai oficial: “Se não quiserem dar, você

me compra. Papai está sem dinheiro nenhum. Garanto que ele me vende. Se pedir muito caro você pode me comprar a prestações, do jeito que seu Jacob vende...” (VASCONCELOS, 1989, p. 159). O português ficou muito emocionado por um pedido tão forte partir de uma criança daquele tamanho, e respondeu:

(...) A vida a gente não resolve assim de uma só manobra. Mas eu vou te propor uma coisa. Não poderei tirar-te dos teus pais nem da tua casa. Se bem que gostasse muito de o fazer. Isso não é direito. Mas de agora em diante, eu que gostava de ti como um filhinho, vou te tratar como se fosses mesmo o meu filho. (VASCONCELOS, 1989, p. 159).

A partir desse momento, a relação dessas duas personagens, que já era forte, ganha algo especial, um sentimento maior do que todos, o de pai e filho. Após essa proposta do Portuga, Zezé diz: “Fiz uma coisa que raramente fazia ou gostava de fazer com os meus familiares. Beijei o seu rosto gordo e bondoso...” (VASCONCELOS, 1989, p. 159). Assim como com Glória, Luís e Tio Edmundo, Zezé demonstrara fisicamente seu afeto por aquele homem, agora seu pai. O que Zezé não esperava, é que o Portuga teria a vida arrancada pelo trem Mangaratiba de maneira tão precoce, justamente quando ele tornara-se seu pai. O menino definhou e quase morreu de tristeza, mas foi melhorando, “estava condenado a viver, viver.” (VASCONCELOS, 1989, p. 183).

O Portuga foi a personagem que conseguiu adentrar o lado mais profundo de Zezé. Com seu cuidado e amor pelo menino, fez com que ele percebesse que não era um menino que não prestava para nada e que não deveria ter nascido, como ele mesmo havia lhe dito, mas um menino especial e que merecia, sim, todo amor e cuidado que pudesse ter.

### **2.3.7. O pai de Zezé**

Na narrativa, o pai de Zezé é uma personagem pouco caracterizada. Tratando-se de um romance memorialista, o autor deixa transparecer a relação difícil e de pouco contato com o pai, enquanto criança. Em toda a narrativa ele está desempregado e aparenta ser um homem triste e frustrado, perdido em seus pensamentos.

A partir do que lemos na obra, inferimos que ele é alcoólatra, mas não conseguimos identificar se assim tornou-se após ter perdido o emprego e sua família ter chegado naquela difícil situação, ou se o problema vem de antes. Contudo, Zezé tentava compreender a situação de seu pai, que não podia lhes oferecer conforto. Era uma atitude madura e nobre, principalmente para um garoto de cinco anos.

Um acontecimento marcante entre Zezé e seu pai dá-se no Natal, quando Zezé, triste por ter deixado seu sapatinho na janela à espera de um presente e o sapatinho ter amanhecido vazio, lança as seguintes palavras, em seu momento de tristeza e decepção: “Como é ruim a gente ter pai pobre!...” (VASCONCELOS, 1989, p. 51), e seu pai, que estava passando neste momento, ouviu, espantado, as duras palavras do menino. Zezé ficara arrasado por ter magoado seu pai no Natal. Então, passa o dia engraxando para conseguir dinheiro e comprar-lhe um presente, uma carteira de cigarros. Quando foi entregar-lhe, à noite, desabou em lágrimas e pediu perdão por ter dito aquilo. O pai acalantara as lágrimas do filho e, por um momento, sentiram-se pai e filho. Neste dia, Zezé prometera a seu pai que não se importaria mais se ele lhe batesse. (VASCONCELOS, 1989).

O menino tinha maturidade para reconhecer seu erro e buscar redimir-se. No entanto, embora tenha feito a promessa ao seu pai, o sentimento arrefecera após a surra sem motivo que ele lhe dera e que quase custara a vida do garoto. No final do romance, quando seu pai o pega no colo para confortá-lo da morte de Minguinho, Zezé diz:

Me fazia mal seu rosto barbado roçar no meu rosto. O cheiro que escapava da sua camisa muito usada me fazia arrepios. Fui escorregando pelos seus joelhos e caminhei para a porta da cozinha. Sentei-me nos degraus e contemplei o quintal com o morrer de todas as luzes. Meu coração se revoltara sem raiva. ‘Que quer esse homem que me pega no colo?’ Ele não é meu pai. Meu pai morreu. O Mangaratiba matou ele. (VASCONCELOS, 1989, p. 188).

Mais uma vez, Zezé surpreende com sua maturidade. Os maus tratos fizeram com que o menino “matasse” o sentimento por seu pai, pois, o tempo que passa com o Portuga, é o suficiente para perceber como deveria ser o amor de um pai, algo que ele não vê e não sente naquele homem.

### **3. O fantástico em *O Meu Pé De Laranja Lima***

Neste capítulo, discutiremos a concepção de fantástico a partir das considerações de Held (1980), autora que nos ajudará a compreender como o mundo real e o mundo fantástico de Zezé estão interligados. Além disso, analisaremos aspectos desse mundo fantástico criado pelo menino, incluindo a caracterização e as personagens, que nos permitirão apontamentos a respeito da realidade que o Zezé gostaria que existisse.

### 3.1. Zezé e Minguinho: um mundo de fantasias

Antes de iniciarmos a análise da amizade de Zezé e Minguinho, faremos algumas considerações a respeito do fantástico, a fim de compreendermos os motivos que levaram Zezé a imaginar um mundo fantástico.

O romance que estamos estudando possui um enredo carregado de fantasia, mas também de uma realidade cruel, marcada pela pobreza e pelas consequências deixadas pela falta de afeto na vida de uma criança. Nesse sentido, enfatizamos a consideração de Jacqueline Held (1980), em *O imaginário no poder: as crianças e a literatura fantástica*, quando a autora francesa aponta o seguinte sobre a obra fantástica: “(...) em oposição à obra dita ‘realista’, ela nos propõe o que parece inimaginável e que, no entanto, um dia foi imaginado. O que nos leva, de bom ou de mau grado, a examinar mais de perto as relações entre real e imaginário.” (HELD, 1980, p. 23). Deixamos esse recorte da obra da referida autora como abordagem inicial para o nosso estudo sobre o diálogo entre o fantástico e o real no romance de José Mauro de Vasconcelos.

O estudo que destacamos acima, de Held (1980), traz várias considerações sobre o real e o fantástico, e estas nos auxiliarão na compreensão da imaginação fantástica do pequeno Zezé. Primeiramente, Held (1980) vem nos dizer que:

(...) fantástico não é, de modo algum, sinônimo de angustiante e (...) pode existir um fantástico próprio para a infância, entendendo por isso não um fantástico artificialmente pré-fabricado para a infância, mas qualquer espécie de fantástico onde a criança encontra seu bem. (HELD, 1980, p. 22-23).

Neste fragmento, a autora nos propõe a existência de um fantástico próprio da infância, onde a criança encontra o que lhe dá prazer. É exatamente um fantástico infantil que aqui estudaremos, refletindo sobre a imaginação da personagem Zezé, um menino de cinco anos de idade, que faz parte de uma família numerosa e muito pobre. Este contexto social, configura-se, inclusive, como um dos principais motivos que levaram o garoto a criar um mundo fantástico.

Por ser um menino muito sensível, Zezé sofre com as dificuldades que sua família enfrenta. Trata-se de um menino levado e especial, que é também muito carente de afeto e atenção. Como já dito no Capítulo 1, no decorrer da narrativa, seu pai está desempregado e sua mãe e suas irmãs precisam trabalhar no Moinho Inglês para ajudarem nas despesas de casa. Em oposição a essa difícil realidade, ele cria um mundo fantástico, onde consegue realizar muitas

proezas com seus maiores heróis do cinema, tais como Fred Thompson<sup>8</sup> e Tom Mix<sup>9</sup>, e também com os heróis da vida real, como Seu Ariovaldo, Portuga e Minguinho. A situação de carência vivenciada pela criança é que parece estimular o viés do fantástico. Neste sentido, em estudo sobre a presença do fantástico na literatura infantil, Held (1980) aponta:

(...) a narração fantástica reúne, materializa e traduz todo um mundo de desejos: compartilhar da vida animal, libertar-se da gravidade, tornar-se invisível, mudar seu tamanho e (...) transformar à sua vontade o universo: o conto fantástico como realização dos grandes sonhos humanos (...). (HELD, 1980, p. 25).

Corroborando nossa hipótese de que Zezé criou um mundo fantástico para se refugiar da dura realidade que vivia, consideremos, ainda, a seguinte contribuição de Held (1980, p. 25): “(...) o fantástico só existe em relação a uma realidade que se poderia qualificar de ‘não fantástica’.”, isto é, essa realidade livre de fantasias é a realidade do mundo exterior, do mundo real. Sendo assim, podemos inferir que o mundo fantástico que o garoto cria, existe por causa do seu desejo de mudança da realidade em que está inserido.

A partir dessa esperança de que as coisas mudem, é que Zezé compartilha da vida vegetal, com Minguinho, seu pezinho de Laranja Lima e grande amigo. Trata-se de um processo de animização, que também encontramos em *Reinações de Narizinho*, de Monteiro Lobato, com o Visconde de Sabugosa, por exemplo, o sabugo de milho que ganha vida na famosa narrativa. Além do Visconde, temos ainda, nessa obra de Lobato, vários exemplos de animização, com o Marquês de Rabicó, o porco que é marido da boneca Emília, com o Príncipe Escamado, o peixe com quem a menina do nariz arrebitado se casa, e com o Doutor Caramujo, o médico do Reino das Águas Claras. Todas essas personagens, além de muitas outras, são configuradas com comportamentos humanos, embora sejam animais e vegetais.

Nessa perspectiva, em estudo sobre o conceito de *criança*, Damazio (1994, p. 51) aponta o animismo e a concretude como características próprias da criança, como o modo que elas veem o mundo. Esse autor considera que “Há muito que aprender com a criança e sua relação de concretude com o mundo” (DAMAZIO, 1984, p. 51). Essa afirmação nos permite reconhecer que esse sentimento de que todas as coisas são concretas é o que leva as crianças ao animismo,

---

<sup>8</sup> Fred Thompson foi um ator de sucesso nos filmes western, alcançando maior destaque em 1926 e 1927. Outras informações sobre a biografia desse ator estão disponíveis em <http://www.genordell.com/stores/western/FredThomson.htm>.

<sup>9</sup> Thomas Mix foi um famoso ator de filmes de cowboy, que estreou no cinema em 1910. Vestia-se de cowboy também na vida real, reforçando o herói que interpretava. Mais informações sobre a biografia desse ator estão disponíveis em <http://www.historiasdecinema.com/2010/06/tom-mix-8/>.

pois, como observa Guillot (Apud Held, 1980, p. 25), “a criança torna-se mais facilmente amiga de um animal que lhe fala”.

Minguinho é o nome carinhoso que Zezé deu ao seu pezinho de Laranja Lima<sup>10</sup>. Eles se conheceram quando o menino viu a pequena árvore em uma visita à nova casa que a família alugara. Todos os irmãos escolheram uma árvore grande e frutífera para si e apenas Zezé tinha ficado sem árvore. Então, Glória lhe mostrou o pequeno pé de Laranja Lima que, de início, não agradou o garoto:

Emburrei. Sentei no chão e encostei a minha zanga no pé de Laranja Lima. Glória se afastou sorrindo.  
 (...) Cavouquei o chão com um pauzinho e começava a parar de fungar. Uma voz falou vindo de não sei onde, perto do meu coração. (VASCONCELOS, 1989, p. 33)

Em meio ao desgosto que estava sentindo, Zezé ouve a voz do pezinho de Laranja Lima. Neste momento, dá-se o primeiro diálogo entre os dois:

— Eu acho que sua irmã tem toda a razão.  
 (...) Eu levantei assustado e olhei a arvorezinha. Era estranho porque sempre eu conversava com tudo, mas pensava que era o meu passarinho de dentro que se encarregava de arranjar fala.  
 — Mas você fala mesmo?  
 — Não está me ouvindo?  
 (...) — Por onde você fala?  
 — Árvore fala por todo canto. Pelas folhas, pelos galhos, pelas raízes. Quer ver? Encoste seu ouvido aqui no meu tronco que você escuta meu coração bater.  
 (...) Encostei o ouvido e uma coisa longe fazia tique... tique...  
 — Viu?  
 — Me diga uma coisa. Todo mundo sabe que você fala?  
 — Não. Só você. (VASCONCELOS, 1989, p. 33)

O diálogo exposto acima demonstra o nascimento dessa amizade. Além de ouvir a árvore falar, Zezé também ouviu-lhe o coração bater, configurando o animismo, pois, como sabemos, o coração é um órgão que não está presente nos vegetais. Assim, podemos dizer que o menino atribuiu ao pé de Laranja Lima um sopro de vida semelhante ao dos seres humanos, com um coração. Sabendo que seu novo amigo tem sentimentos, Zezé espera ansiosamente a mudança para a nova casa e quando, enfim, chega o dia dessa mudança, declara para

---

<sup>10</sup> A Laranja Lima é a menos ácida entre as laranjas populares. Por causa disso, é recomendada para crianças pequenas e pessoas com problemas digestivos. Mais informações sobre os diversos tipos de laranjas em: <http://mundoestranho.abril.com.br/alimentacao/quais-sao-as-diferencas-entre-os-tipos-de-laranja/>.

Minguinho: “Minguinho, agora a gente vai viver sempre perto um do outro. Vou enfeitar você de tão bonito que nenhuma árvore pode chegar a seus pés.” (VASCONCELOS, 1989, p. 62) e, a partir daí, esses dois amigos passam a viver grandes aventuras juntos.

Ao longo da narrativa, percebemos que a proximidade com a arvorezinha contribui para suprir o afeto que o menino não recebe da maioria de seus familiares. A árvore sempre o trata com tamanha delicadeza e compreensão, que Zezé vai se afeiçoando mais a cada dia e dando-lhe todo o carinho que guarda no peito, o carinho que não pode expressar em meio aos seus familiares, já que é imediatamente repreendido quando tenta fazê-lo.

Como um bom amigo, Minguinho torna-se o confidente de Zezé, alguém com quem o menino pode desabafar suas tristezas e dividir suas alegrias. O menino confiava na pequena árvore para dividir tudo o que sentia, pois ela não o recriminava nem estigmatizava seus sentimentos e medos. Exemplo dessa confiança é quando Zezé resolve soltar o seu passarinho interior. Vejamos:

Cheguei em casa e fui direito a Minguinho.  
 — Xururuca, vim fazer uma coisa.  
 — O que é?  
 — Vamos esperar um pouco?  
 — Vamos.  
 Sentei e encostei minha cabeça no seu tronquinho.  
 — Que é que nós vamos esperar, Zezé?  
 — Que passe uma nuvem bem bonita no céu.  
 — Pra quê?  
 — Vou soltar o meu passarinho.  
 (...) Encostei minha cabeça no coração de Minguinho e fiquei olhando a nuvem ir-se embora.  
 (...) — Xururuca.  
 — Que foi?  
 — Fica feio se eu chorar?  
 — Nunca é feio chorar, bobo. (...) (VASCONCELOS, 1989, p. 68-69)

O trecho citado acima retrata um acontecimento muito importante na vida de Zezé: a libertação do seu passarinho interior. Essa foi uma atitude que demonstrou extrema sensibilidade e humildade, já que ele esperava que Deus levasse o passarinho para o coração de outra criança (VASCONCELOS, 1989). Como era incompreendido dentro de casa, se ele falasse da existência desse passarinho, com certeza suas palavras passariam despercebidas ou levaria umas palmadas para deixar de falar besteira. Assim, Minguinho tornara-se o amigo de todas as horas de Zezé, um refúgio daquela realidade de maus tratos e incompreensão, alguém com quem ele poderia ser quem quisesse, sem medo de nada.



Ainda sobre o recorte acima, percebemos características da educação machista que os meninos recebiam desde a infância, fase em que todos os conceitos vão sendo construídos. O menino pergunta à arvorezinha se fica feio se ele chorar, o que nos permite inferir que ele já fora repreendido pela sua sensibilidade, por chorar, por sentir. Esse preconceito reflete claramente a sociedade machista do século XX, onde a mulher ainda era vista como “sexo frágil” e o homem como o ser “forte e imponente”. No entanto, apesar de tudo, Zezé não conseguia esconder sua sensibilidade e seus sentimentos, o que contribuía para que sofresse ainda mais.

Minguinho não repreendia a sensibilidade do garoto e deixava-o livre para expressar-se da maneira que quisesse. Como sempre ouvia suas lamúrias, já sabia o quanto ele era maltratado e sempre o apoiava quando o via machucado. Certo dia, após ter assumido uma briga que era de Totoca, com um menino maior do que ele, em um grande ato de coragem e consideração pelo irmão, Zezé fala para Minguinho sobre a surra que levava desse menino grande e sobre a frustração do morcego que pegara no carro do português:

(...) Ele escutou, revoltado, e só comentou quando eu acabei numa voz zangada.

— Que covarde!

— A briga até que não foi nada, se você visse...

Troque-que-troque relatei tudo que se passara com o morcego. Minguinho estava espantado com a minha coragem e até me aconselhou:

— Um dia você se vinga.

— Vou me vingar, sim. Vou pedir o revólver de Tom Mix e o Raio de Luar de Fred Thompson e vou armar uma armadilha com os índios Comanches; um dia trago a cabeleira dele esvoaçando na ponta de um bambu.

Mas logo, logo a raiva passou e a gente estava conversando de outras coisas.

(...) Queria mesmo era permanecer perto de Minguinho. Minguinho não caçoava de mim nem fazia pouco do meu olho empapuçado. (VASCONCELOS, 1989, p. 102-104).

Nesse trecho, percebemos claramente a linha tênue entre ficção e realidade para Zezé. Ele queria se vingar do Português pela humilhação que este o fez passar, mas, para isso, contaria com a ajuda de seus personagens de cinema favoritos, que também eram seus amigos imaginários. Neste aspecto, é interessante percebermos que a personagem sequer pensa em pedir ajuda ao seu pai, pois não vê nele a figura de um herói, como geralmente as crianças veem os pais na infância.

Todos os heróis de Zezé são ficcionais e estão em seu mundo imaginário, onde tudo pode acontecer e onde várias peripécias são realizadas. O trecho a seguir mostra claramente aspectos desse mundo imaginário do garoto:

De repente Minguinho virou o mais lindo cavalo do mundo; o vento aumentou mais e o capinzal meio ralo do valão se transformou numa planície imensa e verdejante. Minha roupa de *cowboy* estava ajazada de ouro. Relampejava em meu peito a estrela de Xerife.

— Vamos, cavalinho, vamos. Corre, corre...

*Plequet-plequet-plequet!* já estava reunido a Tom Mix e Fred Thompson; Buck Jones não quisera vir dessa vez e Richard Talmadge trabalhava noutro filme.

— Vamos, vamos, cavalinho. Corre, corre. Lá vêm os amigos Apaches fazendo poeira no caminho.

*Plequet-plequet-plequet!* A cavalada dos índios estava fazendo um barulho louco.

— Corre, corre, cavalinho, a planície está cheia de bisões e búfalos. Vamos atirar, minha gente. *Plaft, plaft, plaft... Teco, teco, teco... Fiúm, fiúm, fiúm*, as flechas assobiavam... (VASCONCELOS, 1989, p. 105-106).

Esse trecho nos remete a cenas de filmes de cowboy, que eram o sucesso da época. Os heróis eram cowboys e índios e todos tinham um cavalo como amigo leal. Possivelmente, este fora o motivo para Zezé imaginar Minguinho como um cavalo, isto é, o menino via no pé de Laranja Lima um amigo leal e em quem podia confiar. A amizade dos dois parecia inabalável, mas fora um pouco abalada com a chegada do Portuga na vida do menino. Percebendo a mudança do amigo, Minguinho ficava emburrado por Zezé só querer saber do português:

Só queria que você visse como tudo é limpinho e arrumadinho. A mesa tinha até toalha de xadrez vermelhinho. (...)

(...) Aí eu olhei para Minguinho, ele estava mudo como uma bruxa de pano.

— Que foi?

— Nada. Estou escutando.

— Olhe, Minguinho, eu não gosto de discussões, mas se você está aborrecido é melhor falar logo.

— É que você agora só brinca de Português e eu não posso brincar disso.

Fiquei pensativo. Era isso mesmo. Nem me passava pela cabeça que ele não podia “brincar” daquilo. (VASCONCELOS, 1989, P. 120-121).

Quando o Portuga e Zezé tornaram-se amigos, Minguinho foi deixado de lado, de algum modo, pois, além de ganhar um amigo, o menino ganhou alguém em quem via uma figura paterna, um homem que lhe preenchia com amor e carinho, de maneira que o seu verdadeiro pai não lhe proporcionava. No entanto, Zezé não queria que seu pezinho de laranja ficasse triste, e o confortava:

Olha Minguinho, não precisa ficar desse jeito. Ele é meu maior amigo. Mas você é o rei absoluto das árvores, como Luís é o rei absoluto dos meus irmãos. Você precisa saber que o coração da gente tem que ser muito grande e caber tudo que a gente gosta. (VASCONCELOS, 1989, p. 123).

É interessante apontarmos que, após conhecer o Portuga, além de deixar Minguinho um pouco de lado nas brincadeiras, Zezé não conversava tanto com ele e não o buscava mais como fonte de refúgio e proteção. Na verdade, o pezinho de laranja estava perdendo o seu encanto. O menino estava vivendo uma realidade melhor que a do mundo dos sonhos.

Em suma, o ciclo da ligação entre Zezé e Minguinho começa com o nascimento da amizade, que vai se fortalecendo com a fidelidade entre os dois. Depois, o menino esquece um pouco o seu pezinho de Laranja Lima, por ter conhecido o Portuga e encontrado nele o que tanto queria, isto é, um pai. Por fim, há a despedida de Minguinho, que, acaba sendo cortado por causa do alargamento da rua que Zezé mora. E como ficara acamado após a morte do Portuga, Minguinho aparece em sonhos para se despedir de Zezé:

— Zezé!...

(...) — Quem é?

— Eu. Abre.

Puxei o trinco sem fazer ruído para não acordar Glória. No escuro, parecia um milagre, brilhava todo “ajaezado” o Minguinho.

(...) — Estou com as esporas de Tom Mix. O chapéu de Ken Maynard. As duas pistolas de Fred Thompson. O cinturão e as botas de Richard Talmadge. Ainda por cima, seu Ariovaldo me emprestou a camisa de xadrezinho que você tanto gosta. (VASCONCELOS, 1989, p. 180)

Mesmo arrasado com a morte do Portuga, Zezé mostra, nesse trecho, que seu mundo imaginário está apenas adormecido na tristeza que estava sentindo pela perda de seu amigo. Em meio à toda dor que enchia seu peito, Zezé queria se despedir de Minguinho e isso aconteceu nesse sonho lindo, onde todos os heróis de cinema e amigos do menino emprestaram seus melhores adereços para enfeitar a árvore na despedida desses dois amigos. Na continuação do sonho, a ternura é o sentimento que transparece entre os dois:

(...) Fiquei olhando Minguinho e preocupado se ele sabia do destino que o esperava. Mas não disse nada.

— (...) Eu vim porque estava com muita saudade e quero ver você bom e alegre de novo. Na vida tudo passa. Tanto que vim para levar você a passear. Vamos?

— Estou muito fraco.

— Um pouco de ar livre, cura você. Eu ajudo para que pule a janela.

E saímos.

— Aonde vamos?

(...) — Vamos pela Rua dos Açudes até o fim.

No encanamento Minguinho me deu a mão para que eu me equilibrasse nos grossos canos. Era gostoso quando havia um buraco e a água espirrava como fontezinha, molhando a gente e fazendo cócegas na sola dos pés. Sentia um pouco de tontura, mas a alegria que Minguinho estava me proporcionando dava a impressão de que já ficara bom. Pelo menos meu coração batia leve. (VASCONCELOS, 1989, p. 181-182).

Zezé quis poupar o amigo de saber o destino trágico que o esperava e resolveu não lhe contar que ele seria cortado. Ao invés disso, resolveu viver a última aventura com seu pé de Laranja Lima, retomando todo o carinho que envolvia aquela amizade. O amigo fez o garoto sentir-se feliz em meio à sua dor, mesmo que em sonhos. Após esse sonho, Zezé não mais viu Minguinho, e quando Glória entrou em seu quarto trazendo-lhe uma florzinha de laranjeira nas mãos, ele soube que sua árvore havia sido cortada, mesmo que a irmã não tenha lhe dito.

— Olhe, Zezé.

Em suas mãos existia uma florzinha branca.

— A primeira flor de Minguinho. Logo ele vira uma laranjeira adulta e começa a dar laranjas.

Fiquei alisando a flor branquinha entre os dedos. Não choraria mais por qualquer coisa. Muito embora Minguinho estivesse tentando me dizer adeus com aquela flor; ele partia do mundo dos meus sonhos para o mundo da minha realidade e dor. (VASCONCELOS, 1989, p. 183).

Glória não disse explicitamente que Minguinho havia sido cortado, mas Zezé, em sua precocidade, sabia que aquela flor fora o que restara de seu pezinho de Laranja Lima. O pobre garoto vivera tantas despedidas e sofrimentos, que quando tem a certeza da morte de Minguinho, afirma dolorosamente: “Ele partia do mundo dos meus sonhos para o mundo da minha realidade e dor” (VASCONCELOS, 1986, p. 183). Essas duras palavras não foram proferidas por uma criança de cinco anos de idade, mas por uma criança que amadurece precocemente com cada dor, cada perda, cada surra que sofre. Essas palavras partiam, angustiantes, do coração sofrido de Zezé, tão judiado e abatido, porque até seus amigos, as melhores coisas de sua vida, lhe haviam sido tirados.

### **3.2. O diálogo entre o fantástico e o real**

Neste tópico, veremos como a realidade de Zezé influencia, diretamente, o seu mundo imaginário. Abordaremos alguns acontecimentos que envolvem violência e perdas na vida do garoto, a fim de demonstrarmos, de maneira concreta, que realmente há o diálogo entre o fantástico e o real.

Uma das temáticas mais marcantes em *O Meu Pé de Laranja Lima* é a violência sofrida pelo pequeno Zezé. A maioria de seus familiares batem nele por motivos banais e simplesmente por ser uma criança e fazer descobertas, que é algo natural da infância. Neste sentido, gostaríamos de levantar alguns questionamentos relevantes ao nosso estudo: O contexto social em que a família de Zezé está inserida contribui para a violência sofrida por ele? Por que as travessuras que o garoto realiza são vistas sempre como algo que merece punição e não como experiências naturais da infância, que é a fase das descobertas e das experiências?

O primeiro capítulo da narrativa é denominado “O descobridor das coisas”, um título ambíguo, pois, como o romance traz como personagem principal o Zezé, poderíamos inferir que esse título estaria relacionado às descobertas infantis, à curiosidade natural das crianças. Porém, após a leitura, percebemos que não é exatamente à curiosidade infantil que o título faz referência, mas às descobertas que uma criança faz a respeito do mundo dos adultos e às descobertas que os próprios adultos fizeram da sua realidade. Vejamos como se dá o início da narrativa:

A GENTE VINHA DE MÃOS DADAS. (...) Totoca vinha me ensinando a vida. E eu estava muito contente porque meu irmão mais velho estava me dando a mão e ensinando as coisas. Mas ensinando as coisas fora de casa. Porque em casa eu aprendia descobrindo sozinho e fazendo sozinho, fazia errado e fazendo errado acabava sempre tomando umas palmadas. Até bem pouco tempo ninguém me batia. Mas depois descobriram as coisas e vivem dizendo que eu era o cão, que eu era o capeta, gato ruço de mau pêlo. (VASCONCELOS, 1989, p. 11).

No trecho inicial da obra, o menino já dá pistas de como era sua vida. Conseguimos notar traços de uma criança curiosa e também esperta, que aprendia as coisas sozinha e errando, mas aprendia, e essa vontade de aprender lhe custava algumas palmadas quando acabava em alguma coisa que contrariasse os adultos. O que nos intriga é a afirmação de que “Até bem pouco tempo ninguém me batia. Mas depois descobriram as coisas e vivem dizendo que eu era o cão, que eu era o capeta, gato ruço de mau pêlo.” (VASCONCELOS, 1989, p. 11). Certamente foram seus familiares que descobriram as coisas. Mas que coisas seriam essas? Mais adiante, Totoca fala para Zezé da situação que a família está vivendo:

— Você que quer saber tudo não desconfiou o drama que vai lá em casa. Papai está desempregado, não está? Ele faz mais de seis meses que brigou com Mister Scottfield e puseram ele na rua. Você não viu que Lalá começou a trabalhar na Fábrica? Não sabe que Mamãe vai trabalhar na cidade, no Moinho Inglês? Pois bem, seu bobo. Tudo isso é pra juntar dinheiro e pagar o aluguel dessa nova casa. A outra, Papai já está devendo bem oito meses. Você é muito criança para saber dessas coisas tristes. Mas eu vou ter que acabar ajudando missa para ajudar em casa. (VASCONCELOS, 1989, p. 16).

Essa declaração de Totoca, explicando a difícil situação pela qual a família está passando, corrobora o nosso primeiro questionamento, já que o menino diz que começaram a bater nele há pouco tempo e também há pouco tempo, a família passou a enfrentar todas essas mudanças. A partir dos dizeres de Totoca, podemos inferir que o pai era o provedor do sustento da família até perder o emprego. A partir daí, as mulheres da casa precisaram trabalhar fora para o sustento da família, e ainda assim era difícil. A mudança não ocorreu apenas para o pai, que tivera seu orgulho ferido por não mais estar trabalhando e precisar ser sustentado pelas

filhas e pela esposa, mas também para a mãe e as irmãs de Zezé, que precisaram trabalhar pesado fora de casa e assumir a responsabilidade de provedoras da família.

Ao longo da narrativa, percebemos que os familiares de Zezé são bastante estressados, cansados e sem paciência com o menino. A mínima coisa que ele fizer e sair errado, já é motivo para baterem nele. Nunca havia diálogo com o garoto, o que aumentava sua carência, pela falta de contato afetivo com a família. Como aprende a ler sozinho, por exemplo, sente vontade de mostrar para a família a sua proeza e pede para Jandira, sua irmã, pegá-lo no colo para que possa ler a oração que está pregada na porta:

- Jandira me pegue no colo que eu vou ler ali.
- Deixe de invenções, Zezé. Estou muito ocupada.
- Pois me pegue e veja se eu não sei ler.
- Olhe, Zezé, se você estiver me aprontando alguma, você vai ver. (VASCONCELOS, 1989, p. 19).

No trecho acima, Zezé sente orgulho de si mesmo e quer mostrar para a irmã que já aprendera a ler, e sem ninguém ensinar, o que não é comum. No entanto, Jandira logo lhe ameaça, sem sequer depositar um pouco de confiança no garoto. Essa ameaça enfatiza que a punição para qualquer coisa que o menino fizesse era a violência.

Todos os capítulos da obra relatam cenas de violência, mas o capítulo 4, da segunda parte, denominado “Duas surras memoráveis”, é um dos mais marcantes neste aspecto. O que mais nos sensibiliza neste capítulo é o fato de que Zezé sofreu essas duas surras inocentemente. O menino sofre a primeira surra quando resolve fazer seu primeiro balão, pois Totoca o havia ensinado e ele queria fazer um sozinho, demonstrando sua inteligência e esperteza. Neste dia, até chamou Luís para junto de si, todo orgulhoso, para que o Reizinho visse seu irmão mais velho realizando essa proeza.

- Agora a coisa era diferente. Botei uma cadeira junto da mesa e trepei o rei Luís para espiar.
- Você fica quietinho, promete? Zezé vai fazer uma coisa difícilíssima. Quando você crescer eu lhe ensino sem cobrar nada.
- Começou a escurecer rapidamente, e a gente trabalhando. A Fábrica apitou. Precisava andar depressa. Jandira já estava colocando os pratos na mesa. Ela tinha a mania de dar a comida pra gente mais cedo, para ninguém amolar os mais velhos.
- (...) Desci Luís e falei:
- Vai indo na frente que eu já vou.
  - Zezé!... Venha logo, senão vai ter. (VASCONCELOS, 1989, p. 134-135).

O trecho acima demonstra mais uma vez a brutalidade com a qual Zezé era tratado em casa. Além de Glória, ninguém mais tinha paciência para ele e para as coisas que fazia. Nunca

elogiavam sua inteligência e facilidade para aprender as coisas, mas sabiam criticar e repreender o quanto podiam. Outra coisa interessante a se observar é que a hora da refeição, que geralmente é quando toda a família se reúne, era diferente na casa do garoto, já que as crianças faziam as refeições mais cedo para não “amolar”, isto é, ficar chamando a atenção dos adultos na mesa. No decorrer da narração, a violência física começa:

O berro veio mais forte. Quase não havia mais luz para o meu trabalho.

— Zezé!...

Pronto. Ela veio de lá, furiosa.

— Pensa que sou sua empregada? Venha comer logo.

Invadiu a sala e me agarrou pelas orelhas. Foi me arrastando até a sala e me atirou contra a mesa. Aí eu me danei.

— Não janto. Não janto. Não janto. Eu quero é acabar o meu balão.

Escorreguei e voltei correndo para o lugar anterior.

Ela virou fera. Em vez de avançar para mim, caminhou em direção da mesa. E era uma vez um belo sonho. Meu balão inacabado se transformara em tiras se rasgando. Não satisfeita com isso (e tamanho foi o meu estupor, que nada fiz) ela me pegou pelas pernas, pelos braços e me atirou no meio da sala.

— Quando eu falo é para obedecer. (VASCONCELOS, 1989, p. 135).

Um sonho é o que balão significava para Zezé, porque quando se é criança, qualquer coisa que ela mesma faça, é algo esplendoroso, grandioso, pelo simples fato de ela ter se superado e conseguido fazer. O menino estava em um momento de criação, algo tão importante, que ele, sequer, sentia fome. Agora, o balão não existia mais e o garoto, com razão, estava triste e revoltado. A irmã o pegou pelas orelhas e o arrastou até a mesa, porque ele não obedecera na hora que ela chamou. Ela poderia, pelo menos, ter ido saber o porquê de ele estar demorando e pedir com calma para que terminasse o balão depois do jantar, por exemplo. Talvez, assim, ele acatasse a sua ordem e a violência tivesse sido evitada. E além de o pegar pelas orelhas, quando ele volta para terminar o balão, ela o pega pelos braços e pernas e o joga na sala. Essa é uma imagem muito forte e difícil de ser esquecida pelo leitor, porque a narrativa é tão rica em detalhes, que não tem como não se sensibilizar e sentir a dor do menino, que é arremessado no chão como um objeto. Revoltado, Zezé xinga a irmã, o que lhe rende mais brutalidade ainda:

O diabo se soltou dentro de mim. A revolta estourou como um furacão. No começo veio uma simples rajada.

— Sabe o que você é? É uma puta!

Ela colou o rosto ao meu. Seus olhos dispendiam fagulhas.

— Repete se você tem coragem.

Destaquei bem as sílabas.

— Pu-ta!

Ela apanhou a mão de couro sobre a cômoda e começou a me bater sem piedade. Virei as costas e escondi a cabeça entre as mãos. A dor era menor que a minha raiva.

— Puta! Puta! Filha de uma puta!...

Ela não parava e meu corpo era uma só dor de fogo. Foi quando entrou Antônio. E correu em auxílio de minha irmã que estava começando a cansar de tanto me bater. (VASCONCELOS, 1989, p. 136).

Essa passagem retrata a revolta de Zezé por Jandira ter rasgado o seu balão. Mesmo apanhando, ele não deixa de xingá-la. Está sentindo dor pelos golpes que está recebendo, mas não deixa de sentir a tristeza e revolta dentro de si pelo ocorrido. Obviamente, não é educado uma criança, ou mesmo um adulto, utilizar esse vocabulário com um familiar ou com qualquer outra pessoa, visto que o mesmo é de baixo calão. No entanto, ele reproduziu essa palavra porque, certamente, ouviu alguém falando. Além disso, a criança não tem muitas formas de se defender, isto é, ou ela chora e esperneia ou grita e fala coisas que possam afetar o adulto. E foi isso o que Zezé fez. A única maneira de expressar sua raiva pela atitude da irmã foi chamá-la de “Putá”. Dando continuidade à cena de violência, Totoca chega quando a irmã está surrando Zezé, mas não o defende, especificamente:

Totoca me suspendeu e me virou para a frente.  
 — Cala a boca, Zezé, você não pode xingar assim a sua irmã.  
 — Ela é uma puta. Assassina. Uma filha da puta!  
 Então ele começou a me bater na cara, nos olhos, no nariz e na boca. Sobretudo na boca...  
 Minha salvação foi Glória ter ouvido. (...) Penetrou na sala como um furacão. (...) empurrou Totoca para o lado e nem se importou que Jandira fosse mais velha, afastando-a com um safanão. Eu jazia no chão sem quase poder abrir os olhos e respirando com dificuldade. (VASCONCELOS, 1989, p. 136).

Totoca pede para que Zezé se afaste, mas como o menino ainda está com raiva, continua a xingar a irmã. Sem procurar saber o que aconteceu para que aquela situação estivesse ocorrendo, o irmão começa a socar o menino, de maneira cruel, como se fosse um saco de pancadas. Como sempre, Glória chega em defesa do garoto, antes que a barbárie piorasse. É chocante para o leitor imaginar um menino franzino, de apenas cinco anos de idade, remexendo-se no chão, com dificuldade, após ter apanhado tanto, e sem necessidade. A simplicidade da linguagem com a qual todos os fatos são narrados encanta o leitor e, ao mesmo tempo, o leva para o mundo de Zezé, ora de sofrimento, ora de fantasia.

O uso da violência é capaz de destruir os sonhos da criança, porque sempre que apanha, ela sofre um choque de realidade, ela esquece o que estava fazendo e cai na realidade da violência que sofrera. É possível constatar essa afirmação quando Zezé fala para Glória que nenhum balão será bonito como o primeiro, o que Jandira destruíra. Ele diz isso enquanto a irmã cuida de seus machucados:



— Você viu, Godóia. Eu não estava fazendo nada. Quando eu mereço eu não me importo de apanhar. Mas eu não estava fazendo nada.

Ela engoliu em seco.

— O mais triste foi o meu balão. Estava ficando tão lindo. Pergunte só a Luís.

— (...) vou ajudar a você a fazer o balão mais bonito do mundo. Tão bonito que até as estrelas vão ficar com inveja.

— Não adianta, Godóia. A gente só faz um primeiro balão bonito. Quando esse não presta, nunca mais acerta ou tem vontade de fazer. (VASCONCELOS, 1989, p. 137-138).

Esse recorte nos mostra quão triste e desiludido ficou o menino após o acontecido. E é preocupante a forma de pensar que Zezé internalizou, de maneira que acha que é correto apanhar quando “merece” e que não se importa com isso. A violência, para ele, tornou-se algo comum, como se acontecesse a todas as crianças, de todas as famílias. Nesse sentido, e discordando do pensamento do garoto, é preciso ter a consciência de que a violência nunca deve ser considerada algo normal, porque independente de vínculo familiar, ninguém tem o direito de castigar a criança fazendo uso de força física.

A segunda surra que Zezé sofre, tem o seu pai como algoz, e mais uma vez, acontece por incompreensão por parte daquele que deveria ser seu herói. Após a primeira surra, Zezé passa dois dias sem sair de casa, sem ir para a escola ou ver o Portuga, pois a família não queria testemunhas de tamanha brutalidade, e resolve ficar perto de seu pai, à noite, já que todos haviam saído (VASCONCELOS, 1989).

Eu resolvera ficar perto de Papai, porque assim não faria arte alguma. Ele se sentara na cadeira de balanço e olhava perdidamente para a parede (...).

Sentado da soleira da porta eu contava as lagartixinhas branquicelas na parede e desviava a vista para olhar Papai.

Somente naquela manhã do Natal eu o vira tão triste. Precisava fazer alguma coisa por ele. E se eu cantasse? (VASCONCELOS, 1989, p. 139-140).

Em sua sensibilidade e precocidade, Zezé queria fazer algo para animar seu pai, pois imaginava que deveria ser difícil para ele, enquanto homem, estar passando pelo desemprego e ver sua esposa e filhas responsáveis pelo sustento da família. O menino está tranquilamente contando lagartixas, que é algo que as crianças gostam de fazer, e pensando em qual música poderia cantar para seu pai. Então, lembra-se do último tango que aprendera com seu Ariovaldo (VASCONCELOS, 1989). Começa a cantar baixinho:

*“Eu quero uma mulher bem nua*

*Bem nua eu a quero ter...*

*De noite no clarão da lua*

*Eu quero o corpo da mulher...”*

— Zezé!

(...) Levantei-me prestamente. Papai devia estar gostando muito e queria que eu viesse cantar perto.  
 — Que é que você está cantando?  
 (...) — *“Eu quero uma mulher bem nua...”*  
 — Quem ensinou essa música a você?  
 Seus olhos tinham adquirido um brilho fosco como se fosse ficar louco.  
 — Foi seu Ariovaldo.  
 — Eu já disse que não queria que andasse na sua companhia.  
 (VASCONCELOS, 1989, p. 140).

Após começar a cantar e o pai o chamar, o menino fica feliz, achando que está alegrando o seu pai com a canção, e vai até ele. A seguir, o homem pede para que repita a canção:

— Repita de novo a canção.  
 (...) — *“Eu quero uma mulher bem nua...”*  
 Uma bofetada estalou no meu rosto.  
 — Canta de novo:  
 — *“Eu quero uma mulher bem nua...”*  
 Outra bofetada, outra, mais outra. As lágrimas pulavam dos meus olhos sem querer.  
 (...) Meu rosto quase não podia se mexer, era arremessado. Meus olhos abriam-se para se tornar a fechar com o impacto das bofetadas. Eu não sabia se devia parar ou se tinha de obedecer... Mas na minha dor tinha resolvido uma coisa. Seria a última surra que eu levaria, seria a última mesmo que morresse para isso. (VASCONCELOS, 1989, p. 141).

Nesse doloroso trecho, a riqueza dos detalhes chama a nossa atenção. Ele, inocentemente, canta para alegrar o triste coração de seu pai, mas o que recebe em troca é violência, e justamente daquele que deveria ser seu protetor. Ele não sabia o significado da letra da canção, não sabia que o mesmo era erótico, e seu pai não procurou saber se ele tinha consciência do que estava cantando e logo foi lhe espancando. A primeira grande surra o menino sofrera porque não obedecera a irmã, e a segunda, porque estava a obedecer seu pai. Notamos essa confusão na cabeça do garoto quando ele diz “Eu não sabia se devia parar ou se tinha de obedecer...”. O que percebemos é que os familiares de Zezé esperavam que ele aprendesse as coisas sozinho, que aprendesse o que é certo e errado sem ajuda de ninguém, o que lhe renderia umas surras, caso aprendesse errado.

Podemos relacionar a violência que o pai cometera com Zezé, repentinamente, com o estudo de Damazio (1994), que diz que os pais tomam a criança como seu objeto pessoal. Esse autor lembra ainda que:

Isso sem considerar as repressões explícitas que tolhem a expressão da criança, que a confundem com ordens sem explicações com agressões repentinas e incoerentes, com comportamentos contraditórios e sustentados na força e não na clareza de uma conversa lúcida e sincera. (DAMAZIO, 1994, p. 29)

Além da confusão interior na criança, a falta de diálogo e o uso da violência a causam revolta. E era isso o que estava acontecendo com Zezé. Ele estava confuso, porque mesmo obedecendo, estava apanhando, e enquanto se via como um menino injustiçado, uma revolução acontecia dentro de si, pois pensava em tirar a sua própria vida, já que lhe fizeram acreditar que era um menino que não servia para nada, exceto para apanhar.

Pensar em tirar a própria vida é algo muito mórbido de ser dito ou pensando, independente da idade, e quando esse pensamento parte da mentalidade de uma criança de cinco anos de idade, é algo realmente preocupante. O que acontece é que, apesar da pouca idade, Zezé já vivenciara muitas coisas dolorosas, coisas que só adultos deveriam entender, mas que em sua precocidade, ele entendia também e sofria com isso. O que estamos percebendo ao longo desse estudo é que adultos insensíveis e carregados de sofrimentos não são capazes de compreender o quanto uma criança precisa de compreensão e atenção.

A segunda surra não acabara nas bofetadas. O pai de Zezé ainda o bateu com o cinto, após o menino ter-se revoltado:

Quando ele parou um pouco e mandou cantar, eu não cantei. Olhei Papai com um desprezo enorme e falei:

— Assassino!... Mate de uma vez. A cadeia está aí para me vingar.

Tomado de fúria, só então ele se ergueu da cadeira de balanço. Desabotoou o cinto (...) e começou a me xingar apoplético. De cachorro, de porcária, de traste vagabundo (...).

O cinto zunia com uma força danada sobre o meu corpo. (...) eu fui caindo, me encolhendo no cantinho da parede. Estava certo que ele ia me matar mesmo. Ainda pude ouvir a voz de Glória que entrava para me salvar. (...) Ela segurou a mão de Papai e segurou o golpe.

— Papai. Papai. Por amor de Deus, me bata, mas não bata mais nessa criança. Ele jogou o cinto sobre a mesa e passou as mãos sobre o rosto. Chorava por ele e por mim.

— Eu perdi a cabeça. Achava que ele estava caçoando de mim. Fazendo pouco caso. (VASCONCELOS, 1989, p. 141-142).

A incompreensão mais uma vez é a principal causa da violência sofrida por Zezé. O pai deixa claro que apenas por “achar” que o filho estava caçoando dele, quase o matou de uma surra. Uma das principais falhas da família do garoto era essa: surrá-lo por simplesmente interpretar errado algo que ele faz ou diz. Não havia diálogo com o menino, eles não procuravam saber o que ele sentia, o que ele queria, ou seja, sempre o desprezavam e só o enxergavam na hora de bater, quando estavam estressados por qualquer coisa e usavam a desculpa de que ele fazia as coisas erradas e merecia apanhar.

Parece que todos eram cegos na família de Zezé. Cegos para enxergarem que ele era apenas uma criança, que necessitava de nada mais que carinho e atenção. Ninguém percebia que aquele ambiente de violência, dor e ausência afetiva, poderia deixar sérias sequelas no menino, que estava desenvolvendo-se ainda, inclusive como pessoa, como indivíduo. Nesse sentido, Damazio (1994) contribui para nosso estudo, quando diz o seguinte:

Nessa ótica castradora, o livre e saudável desenvolvimento do indivíduo-criança dá-se em meio ao desrespeito, à imposição de verdades e valores inquestionáveis, aos absurdos de atitudes agressivas e inexplicáveis, à incoerência de posturas e ordens, à repressão do prazer e da curiosidade e à falta de estímulos para saber e curtir pessoas e coisas. Impõem-se certas molduras de comportamento para forjar uma certa personalidade e massacra-se a espontaneidade do indivíduo. (DAMAZIO, 1994, p. 42).

As palavras de Damazio (1994) são impactantes, no sentido de que podemos relacionar a “ótica castradora” a que o autor se refere com a visão dos familiares de Zezé. Na narrativa, exceto Glória, ninguém mais se preocupava com suas atitudes e posturas, que estavam sendo observadas por uma criança que estava descobrindo o mundo, descobrindo o sentido das coisas. Todos os aspectos que Damazio (1994) aponta nesse trecho podem ter consequências na vida da criança que está em formação, aprendendo valores e conceitos.

Agora, mostraremos o impacto que a violência causa no mundo fantástico de Zezé. À medida que apanha, que cai em sua triste realidade, o seu mundo imaginário não mais se faz presente para alegrar seus dias e fazê-lo sonhar. Após a primeira surra, Glória ainda consegue trazer um pouco desse mundo para a realidade dolorosa do menino, e enquanto cuida de seus machucados, ela resolve participar da fantasia de seu irmão:

— Um dia... um dia... eu vou levar você para longe dessa casa. A gente vai morar...  
 Embatucou. Na certa, pensara na casa de Dindinha, mas lá seria o mesmo inferno. Foi então que ela resolveu participar diretamente do meu pé de Laranja Lima e dos meus sonhos.  
 — Eu levo você para morar no rancho de Tom Mix ou Buck Jones.  
 — Mas eu gosto ainda mais de Fred Thompson.  
 — Pois nós vamos para lá.  
 E completamente desamparados, começamos a chorar juntos e baixinho...  
 (VASCONCELOS, 1989, p. 138).

Esse trecho traz algo primordial ao nosso estudo, a constatação de que quando há diálogo com a criança e a busca para integrar-se ao que ela vive, sabendo que ela precisa de adultos que a apoiem e participem de seus momentos, compreendê-la torna-se algo mais fácil. Como Glória era a que mais demonstrava afeto por Zezé e sempre o protegia, certamente ele sentia-se à vontade e livre para contar-lhe de sua vida. O que mais uma criança de cinco anos,

sensível e sonhadora, gostaria de ganhar, além de alguém de sua confiança com quem possa compartilhar sua fantasia e sua vida? Assim era a relação de Zezé e Glória. Eles eram cúmplices. Percebamos que, ao ver quanto o irmão estava maltratado, e sabendo que ele era incompreendido, Glória, imediatamente, buscou uma forma de alegrá-lo e de amenizar a sua dor, recorrendo aos personagens do mundo imaginário do menino.

Após sentir na pele e na alma a dor dessa violência gratuita, Zezé entristecera ainda mais, o que fez com que seu mundo imaginário fosse para longe de seus pensamentos. Agora, a criança sentia apenas o vazio causado pela dor da impotência e da injustiça.

Uma semana foi preciso para que eu me recuperasse todo. Não provinha das dores nem das pancadas o meu desânimo. Verdade que em casa começaram a me tratar bem que dava para desconfiar. Mas faltava qualquer coisa. Qualquer coisa importante que me fizesse voltar a ser o mesmo, talvez a acreditar nas pessoas, na bondade delas. Eu ficava tão quietinho, sem vontade de nada, sentado quase sempre perto de Minguinho, olhando a vida, perdido no desinteresse. Nada de conversar com ele nem de ouvir suas histórias. (VASCONCELOS, 1989, p. 143).

As surras não maltrataram o garoto apenas fisicamente, mas emocionalmente também. Embora tivesse quase recuperado fisicamente, o lado emocional de Zezé encontrava-se profundamente abalado. Ele não mais acreditava que as pessoas pudessem ser boas. Na verdade, a realidade do menino sobrepunha-se à sua fantasia, de maneira que não conseguia mais sonhar e ter esperança de que a vida iria mudar. Todas as coisas boas da vida do garoto lhe foram tiradas brutalmente, inclusive a sua imaginação, o seu poder de imaginar as coisas de uma maneira melhor, o que lhe permitia ser criança.

Sobre essa evasão da imaginação da criança, Held (1980, p. 27-28) contribui para nosso estudo quando aponta que “A imaginação, como a inteligência ou a sensibilidade, ou é cultivada, ou se atrofia.”. Portanto, as violentas repreensões e a falta de afeto fizeram o mundo fantástico de Zezé evadir-se de sua imaginação. Também nesse sentido, qualquer atributo que a criança tenha, pode não desenvolver-se, caso não seja incentivado, já que é na infância que a criança começa a aprender do que é capaz.

No caso de Zezé, a realidade de violência e incompreensão atrofia a sua imaginação, visto que, exceto Glória, nenhum de seus familiares demonstra interesse ou admiração por alguma coisa que ele faz. Antes dessas duas surras, o garoto encontrava refúgio em sua fantasia. É como se, embora a triste realidade, ele ainda tivesse forças para continuar encontrando apoio em seu mundo fantástico, que traz implícito um fio de esperança de que a vida mude. No

entanto, após as duas surras, o mundo imaginário do menino deixou de existir e ele não tinha mais onde refugiar-se da realidade, tendo que vivenciá-la em toda a sua dor.

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O caminho percorrido ao longo desse estudo nos levou a várias constatações a respeito da relação entre a criança e o fantástico. Para alcançarmos os objetivos traçados, o primeiro passo foi a análise das personagens, em seus detalhes reveladores, a partir da ótica do pequeno Zezé, a personagem principal da obra estudada, *O Meu Pé de Laranja Lima*, de José Mauro de Vasconcelos. A partir daí, pudemos perceber, por exemplo, a solidão e o abandono de Tio Edmundo, a bondade e coragem de Glória para com Zezé, a dura vida de Estefânia desde a infância, a frustração do pai de Zezé e o amor do menino por Luís, o Reizinho.

Após essa análise, compreender as atitudes de cada personagem tornou-se menos difícil, pois, tratando-se de um contexto social repleto de desigualdades e pobreza, que é o cenário da obra estudada, é preciso ser empático, visto que estamos estudando sobre seres humanos e suas ações, e estas, geralmente, decorrem das características do meio em que vivem. Dessa forma, o romance estudado nos mostra que o contexto social em que Zezé está inserido, contribui para a criação de seu mundo fantástico e também influencia as ações de seus familiares.

É necessário esclarecer, no entanto, que, embora o contexto social da família do garoto exerça forte influência sobre suas atitudes, nada justifica o exercício da violência, seja ela qual for, física, psicológica ou simbólica. Claramente, essa situação se agrava quando a vítima é uma criança, que, indefesa, não tem culpa dos problemas e dificuldades que os adultos enfrentam. É justamente essa situação que encontramos em *O Meu Pé de Laranja Lima*, com Zezé e sua família. O garoto é constantemente vítima de maus tratos físicos e psicológicos, que lhe tiram toda a autenticidade de ser criança.

Na verdade, criticar, repreender ou bater em uma criança por estar descobrindo as coisas, por estar aprendendo, mesmo que cometendo erros e causando algumas desventuras, é uma atitude vil, já que a criança, um ser em formação, precisa aprender sobre o mundo, sobre as coisas, sobre as pessoas, e de forma lúdica, com ares de brincadeira, de infância bem vivida.

Zezé, apesar de todas as adversidades que enfrenta com sua família, continua alimentando seus sonhos de criança e também os de seu irmãozinho Luís, até que sua realidade começa a sobrepor a sua fantasia, sua imaginação vai sendo ceifada, e ele vai caindo aos poucos, em sua dolorosa realidade. O mundo fantástico do menino, assumindo função de refúgio quando era surrado ou maltratado dentro de casa, traz aspectos de justiça e fartura, sendo repleto de cowboys e índios que lutavam por justiça, e, posteriormente, Seu Ariovaldo, o Portuga e

também o Minguinho, passaram a fazer parte desse mundo, onde só tinha os amigos e heróis do garoto.

Desse modo, verificamos que o fantástico e o real estão diretamente relacionados e dialogando a todo tempo. Note-se que quando Zezé sofreu as duas últimas surras, que quase lhe custaram a vida, seu mundo fantástico foi para longe, isto é, a sua dor de criança judiada sem motivo era maior do que a vontade de sonhar que a realidade mudasse e fosse justa, como nos filmes de cowboy que assistira, protagonizados por Fred Thompson e Tom Mix. No entanto, quando volta a ver o Portuga, após sua recuperação, sente vontade de viver novamente, porque aquele homem, seu pai de coração, lhe proporcionara nova inspiração de vida.

Sobre o imaginário infantil, constatamos ainda que quando a fantasia não é estimulada, bem como outros atributos, como a inteligência, por exemplo, ela tende a atrofiar. Quando algum familiar realiza esse estímulo, como Glória fazia, nos momentos de dor e angústia, é um ato de amor imensurável, porque está tentando resgatar na criança aquilo que a dura vida quer tirar.

A partir desse estudo, pudemos perceber que, em *O Meu Pé de Laranja Lima*, José Mauro de Vasconcelos tenta resgatar aspectos de humanidade, através de uma descrição detalhada de um modelo de sociedade marcado pela brutalidade e por problemas sociais que ainda encontramos nos dias de hoje. Utilizando uma simples linguagem para narrar os fatos, esse autor nos emociona, cativa e nos leva para a realidade do enredo.



## 5 REFERÊNCIAS

- Biblioteca José Mauro de Vasconcelos. *Biografia do Patrono José Mauro de Vasconcelos*. Disponível em [http://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/cultura/bibliotecas/bibliotecas\\_bairro/bibliotecas\\_a\\_l/josemaurodevasconcelos/index.php?p=5427](http://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/cultura/bibliotecas/bibliotecas_bairro/bibliotecas_a_l/josemaurodevasconcelos/index.php?p=5427)> Acesso em: 29 Ago. 2016.
- Biografia Fred Thompson. Disponível em <http://www.genordell.com/stores/western/FredThomson.htm>> Acesso em: 12 Jan. 2017.
- Biografia Tom Mix. Disponível em <http://www.historiasdecinema.com/2010/06/tom-mix-8/>>. Acesso em 12 Jan. 2017.
- BRAIT, Beth. *A Personagem*. São Paulo: Ática, 1985.
- DAMAZIO, Reinaldo Luiz. *O que é criança*. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- GANCHO, Cândida Vilares. *Como analisar narrativas*. São Paulo: Ática, 2002.
- HELD, Jacqueline. *O imaginário no poder: as crianças e a literatura fantástica*. 3ª ed. Trad. Carlos Rizzi. São Paulo: Summuns, 1980.
- LOBATO, Monteiro. *Reinações de Narizinho*. São Paulo: Globo, 2008.
- PINHEIRO, Hélder. *Pesquisa em literatura*. 2ed. Campina grande: Bagagem, 2011.
- REDAÇÃO MUNDO ESTRANHO. *Quais são as diferenças entre os tipos de laranja?* Revista Mundo Estranho, 19 de ago. 2016. Alimentação. Disponível em <http://mundoestranho.abril.com.br/alimentacao/quais-sao-as-diferencas-entre-os-tipos-de-laranja/>>. Acesso em: 02 Jan. 2017.
- UOL. SP: 'O diário de Anne Frank' é o livro preferido dos alunos da rede pública. São Paulo, 09 Set. 2015. Disponível em: <http://noticias.bol.uol.com.br/ultimas-noticias/educacao/2015/09/09/sp-o-diario-de-anne-frank-e-o-livro-preferido-dos-alunos-da-rede-publica.htm>> Acesso em 02: Mai. 2016.
- VASCONCELOS, José Mauro de. *Banana Brava*. São Paulo: Melhoramentos, 1969.
- \_\_\_\_\_. *Coração de Vidro*. São Paulo: Melhoramentos, 1969.
- \_\_\_\_\_. *O Meu Pé de Laranja Lima*. São Paulo: Melhoramentos, 1989.